

Encontros com a poesia do mundo

Antologia
poética
bilingue

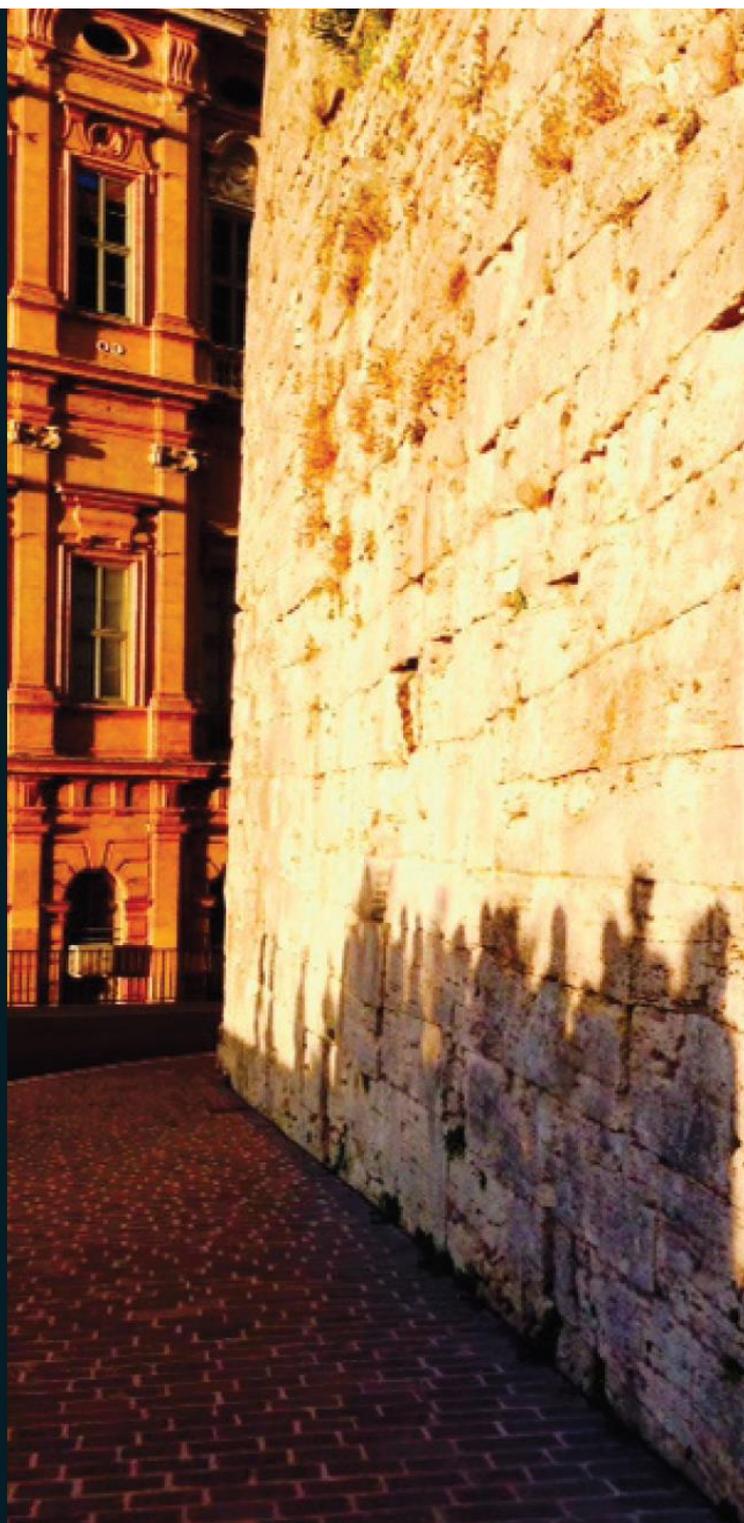
Incontri con la poesia del mondo

*Antologia
poetica
bilingue*

Português | Italiano

Organizadores

Eloisa Pilati
Alexandre Pilati



ENCONTROS COM A POESIA DO MUNDO
Incontri con la poesia del mondo

Antologia poética bilíngue

Português / Italiano

Antologia poetica bilingue

Organização

Eloisa Pilati
Alexandre Pilati

Brasília / Perugia

Universidade de Brasília – UnB / Università degli Studi di Perugia

2016



Universidade de Brasília – UnB

Reitor: Ivan Marques de Toledo Camargo

Instituto de Letras

Diretor: Enrique Huelva Unternbäumen

Departamento de Teoria Literária e Literaturas

Chefe: Rogério da Silva Lima

PÓSLIT – Programa de Pós-Graduação em Literatura

Coordenadora: Sylvia Helena Cyntrão



Università degli Studi di Perugia

Rettore: Franco Moriconi

Dipartimento di Lettere – Lingue, Letterature e Civiltà antiche e moderne

Direttore: Mario Tosti

CILBRA – Centro di Studi Comparati Italo-Luso-Brasiliani

Responsabili: Vera Lúcia de Oliveira e Paula de Paiva Limão

A presente antologia foi publicada no Brasil em formato eletrônico pelo POSLIT – UnB (Programa de Pós-Graduação em Literatura da Universidade de Brasília – Brasil) concomitantemente à sua publicação na Itália pela Editora Urogallo em colaboração com o CILBRA – Centro di Studi comparati Italo-Luso-Brasileiros da Universidade de Perugia.

La presente antologia è stata pubblicata in formato elettronico in Brasile a cura del POSLIT | Programa de Pós-Graduação em Literatura dell’Istituto de Letras dell’Università di Brasília in concomitanza con la pubblicazione a cura di Edizioni dell’Urogallo, in collaborazione con il CILBRA | Centro di Studi comparati Italo-Luso-Brasileiros dell’Università degli Studi di Perugia.

Organização: Eloisa Pilati (PPGL/IL/UnB) e Alexandre Pilati (PÓSLIT/IL/UnB)

Preparação de Originais: Eloisa Pilati, Vera Lúcia de Oliveira, Paula de Paiva Limão e Alexandre Pilati

Revisão: Eloisa Pilati e Vera Lúcia de Oliveira

Capa: Jana Ferreira

Foto da Capa: Vera Lúcia de Oliveira

ISBN: 978-85-62292-04-0

PÓSLIT – PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA

CONSELHO EDITORIAL CONSULTIVO

Ana Laura dos Reis Corrêa (UnB, Brasília-DF, Brasil) | Elga Pérez-Laborde (UnB, Brasília-DF, Brasil) Regina Dalcastagnè (UnB, Brasília-DF, Brasil) | Rogério Lima (UnB, Brasília-DF, Brasil) Paulo Nolasco (UFGD, Dourados-MS, Brasil) | Affonso Romano de Sant'Anna (FBN, Rio de Janeiro-RJ, Brasil) André Bueno (UFRJ, Rio de Janeiro-RJ, Brasil) | Antonio Carlos Secchin (UFRJ, Rio de Janeiro-RJ, Brasil) Gilberto Martins (Unesp, Assis-SP, Brasil) | Laura Padilha (UFF, Rio de Janeiro-RJ, Brasil) Luís Alberto Brandão (UFMG, Belo Horizonte-MG, Brasil) | Maria Antonieta Pereira (UFMG, Belo Horizonte-MG, Brasil) Mário Cezar Leite (UFMT, Mato Grosso-MT, Brasil) | Nádia Battella Gotlib (USP, São Paulo-SP, Brasil) Alckmar Luís dos Santos (UFSC, Florianópolis-SC, Brasil) | Benito Martinez Rodrigues (UFPR, Curitiba-PR, Brasil) Eliane do Amaral Campello (FURG, Rio Grande-RS, Brasil) | Walter Carlos Costa (UFSC, Florianópolis-SC, Brasil) Diógenes André Vieira Maciel (UEPB, Campina Grande-PB, Brasil) | Márcio Ricardo Muniz (UFBA, Salvador-BA, Brasil) Rinaldo Fernandes (UFPB, João Pessoa-PB, Brasil) | Ana Mafalda Leite (Universidade de Lisboa, Lisboa, Portugal) Bernard Lamizet (Université Lumière 2, Lyon, França) | Claire Williams (Universidade de Liverpool, Reino Unido, Inglaterra) François Jost (Sorbonne Nouvelle, Paris, França) | Jacques Fontanille (Université de Limoges, Limoges, França) Rita Olivieri-Godet (Université Rennes 2, França)

Dados internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Encontros com a poesia do mundo (livro eletrônico) =
Incontri com la poesia del mondo / organização Eloisa
Pilati & Alexandre Pilati. Brasília: POSLIT/Universidade
de Brasília ; Perugia: CILBRA/Università degli Studi di
Perugia, 2016. 71kb ; PDF.

Vários Autores.

Vários Tradutores.

Ed. Bilingue: português/italiano

ISBN 978-85-62292-04-0 (UNB)

1. Poesia - Coletâneas I. Pilati, Eloisa. II. Pilati,
Alexandre. III. Títulos: Incontri com la poesia
del mondo.

16-03361

CDD-808.81

Índice para catálogo sistemático:

Antologia : Poesia : Literatura 808.81

FINOS FIOS DE SEDA...

*Laudato si', mi' Signore,
per sora nostra madre terra,
la quale ne sustenta e governa,
e produce diversi fructi con coloriti fiori et herba.*

Francesco d'Assisi

*Amavo ogni cosa del mondo. E non avevo
che il mio bianco taccuino sotto il sole.*

Sandro Penna

Esse livro é um delicado tecido de seda, cuja trama foi composta entrelaçando luminosos fios de poesia, amizade, generosidade, gratidão. Nasce de uma ideia aparentemente bizarra, unir e combinar as atividades de um congresso científico internacional com a poesia viva, sendo dita e ouvida pela voz dos próprios poetas.

Nasce também da minha paixão por esta arte, que pratico e ensino. De fato, além da atividade literária, dediquei-me amiúde, como docente e pesquisadora de literatura portuguesa e brasileira, inicialmente na Università del Salento e agora na Università degli Studi di Perugia, ao estudo dos poetas de língua portuguesa, propondo cursos sobre autores de vários períodos e poéticas, buscando oferecer, sempre que possível, aos alunos e colegas do *Dipartimento de Lettere – Lingue, Letterature e Civiltà antiche e moderne*, onde atualmente trabalho, a oportunidade de um diálogo aberto com os autores que nos visitavam na Úmbria, atraídos pela figura dos seus grandes místicos e poetas, sobretudo São Francisco de Assis. Assim nasceram os “Incontri con la poesia del mondo”, que reuniram, a partir de 2013 em Perugia, poetas de várias latitudes e línguas.

Quando pensei, com a colega e amiga Paula de Paiva Limão, em organizar o congresso *Culture e letterature in dialogo: identità in movimento / Culturas e literaturas em diálogo: identidades em movimento*, vendo o número e a qualidade dos poetas que estariam presentes no evento (muitos deles professores universitários), pensei que seria uma ocasião única de realizar um pequeno sonho: um festival de poesia, um encontro internacional de poetas, de vários países e línguas, muitos dos quais perfeitamente bilíngues (e essa é uma das características da presente antologia), todos unidos no esforço

árduo e tantas vezes ingrato de ler e interpretar o mundo, sondando por suas fendas de solidão, abandono e desumanização.

O fato de poder realizar tal evento em duas das minhas cidades da alma, Perugia e Assisi, na região da Úmbria, berços respectivamente de dois grandes líricos italianos, Sandro Penna (1906–1977) e Francesco d’Assisi (1181/1182–1226), pareceu-me que acrescentaria maior amplitude e relevância à manifestação. Definida o coração verde da Itália, a Úmbria é a região que, pelo encanto e beleza das paisagens, pelas importantes e antigas cidades, arraigadas nos topos de montes e montanhas, desperta e solicita uma atitude ao mesmo tempo de escuta e contemplação, muito afim ao estado lírico. Há algo nela que nos aproxima de uma dimensão muito profunda de nós mesmos e não é de se espantar que seja pátria de tantos santos místicos, como São Francisco, Santa Clara (1193-1253), São Bento de Norcia (480 d.C – 547 d.C), Santa Rita de Cássia (1381–1457) e outros.

No que diz respeito à organização da antologia, podemos dizer que ela tem como princípio básico a união de afinidades éticas e estéticas. Não é meu objetivo propor um estudo crítico de cada autor, nem pretendo que a seleção dos textos represente o panorama de um tempo ou de uma geração. Alguns dos autores aqui presentes dialogam com o cânone de suas respectivas literaturas, estão inseridos nele, outros são *outsiders*, poetas viajantes, com bagagens de línguas diferentes, com as quais compõem a própria poética. A maioria pertence ao mundo universitário, o que é ainda mais espantoso, pois o estudo aprofundado de todo o aparato técnico da linguagem poética acabou por inibir tantos excelentes poetas que fui conhecendo ao longo da vida. Para mim, e desconfio que seja assim para todos, há o momento epifânico da poesia, e o momento sucessivo de entendimento e elaboração, em que se burila o que nos chega por vias e canais misteriosos. O segundo momento, porém, não pode se antecipar ao primeiro, inibindo o instante da criação, que se dá por uma espécie de alargamento da consciência.

A antologia é bilíngue e os poemas estão em português e em italiano. Gostaria que estivessem também nos outros idiomas em que escrevem os seus autores, o francês, o espanhol e o inglês, línguas que se cruzam nessa trama poética sutil e complexa, mas isso não foi possível por exigências editoriais bem concretas (o livro teria um número impossível de páginas...).

Eis, pois, que aqui estamos, com nossas frágeis palavras, com as quais nos colocamos diante do mundo, para dialogar com ele, para dizer que a poesia é fundamental, que existem coisas, como afirma Lêdo Ivo, que só a poesia é capaz de exprimir. Aqui estamos,

prontos, à escuta e à espera de que compartilhem conosco essa fome de conhecer melhor a vida e o mundo, de buscar no coração do universo, no ventre da terra, na linfa dos ventos, no âmago das partidas e estradas o sopro com que Deus nos tirou do nada.

Eis-nos a testemunhar também que a poesia está viva, inserida no mundo, que os poetas não se subtraem à própria e mais íntima vocação de ser voz densa e ativa, voz que convoca consciências, que se expõe e que se opõe, que contesta e que se arrisca. Como diz Donizete Galvão, amigo que perdemos tão cedo e ao qual prestamos uma homenagem, inserindo-o na antologia:

Aprende-se com ela a colher do silêncio,
da solidão que vem desde a infância,
palavras que precisavam ser escritas.

Língua solta não apresenta serventia.
A virtude anula vaidades e paixões:
a voz contida fala mais que gritaria.

(A carne e o tempo, 1997, p. 63)

Um agradecimento especial vai a todas as pessoas que nos ajudaram, aos poetas que aceitaram o convite, aos tradutores que se empenharam para que os textos pudessem estar nas duas línguas, à colega, amiga e companheira desde o início desse sonho, Paula de Paiva Limão, aos colegas Alexandre e Eloisa Pilati que acolheram essa minha ideia, aos amigos e colegas que nos incentivaram, à Universidade de Brasília que diagramou o texto e ao editor Marco Bucaioni, da Urogallo, que aceitou o desafio de fazer com que esse livro ficasse pronto em brevíssimo tempo.

Vera Lúcia de Oliveira

CILBRA / Università degli Studi di Perugia – Italia

POESIA...

*Gastei uma hora pensando em um verso
que a pena não quer escrever.
No entanto ele está cá dentro
inquieta, vivo.
Ele está cá dentro
e não quer sair.
Mas a poesia deste momento
inunda minha vida inteira.*

Carlos Drummond de Andrade

A presente obra consiste numa antologia que reúne poemas de 16 poetas contemporâneos da América Latina e da Europa. Fruto da inspiração da poetisa, pesquisadora e professora Vera Lúcia de Oliveira (Università degli Studi di Perugia), o livro possui características singulares e interessantes: é uma obra sonhada, editada e publicada dentro do período que compreendeu o planejamento e a realização de um evento acadêmico fruto de parcerias entre grandes universidades, é uma edição bilíngue (português/italiano), traz poemas de autores contemporâneos, muitos deles professores universitários, e revela muito da poesia dos nossos tempos.

A obra concretiza, portanto, anseios de um *Encontro* cujo principal objetivo é o de discutir, problematizar e encontrar possibilidades de diálogo entre culturas, literaturas, línguas e identidades, denominado Culturas e literaturas em diálogo: identidades em movimento, realizado na Itália, nas cidades de Perugia e Assis, nos dias 12, 13 e 14 de maio de 2016. A obra também revela o poder das iniciativas conjuntas, a força do trabalho em grupo e a beleza da doação ao próximo.

O poeta brasileiro Carlos Drummond de Andrade nos ensina que a poesia às vezes “não quer sair”, mas está sempre presente inquieta e viva. Como flores nascidas no asfalto, os poemas dessa obra mostram a pujança, a luminosidade e a criatividade da poesia atual. Apesar dos desafios do mundo contemporâneo, a poesia se faz presente, o fazer poético se revela e se mostra como força de expressão e, portanto, de humanização, pois faculta uma interpretação ampla da experiência.

Num mundo em que o alto capitalismo vive mais uma de suas crises, em que somos impelidos a cada dia mais viver a segmentação, a divisão, a massificação cultural e o individualismo, essa obra se coloca como um delicado marco de resistência, ao revelar novas possibilidades de expressão, novas parcerias e, principalmente, a socialização da

arte. Ainda citando o Poeta, por acreditar que a poesia de certos momentos é capaz de inundar vidas inteiras, convidamos os leitores, a desfrutar o prazer de apreciar as diferentes temáticas, estéticas e sintaxes das autoras e dos autores que compõem a obra.

Na Itália, o livro foi editado em versão impressa pela editora Urogallo, aos cuidados de Marco Bucaioni e sob a competente organização de Vera Lúcia de Oliveira e Paula de Paiva Limão. Com esta edição digital, esperamos tornar ainda maior o alcance e o interesse deste precioso conjunto de textos, que agora podem ser lidos e compartilhados por falantes e amantes tanto do Português quanto do Italiano de qualquer parte do mundo.

Eloisa N. S. Pilati

Instituto de Letras / Universidade de Brasília – Brasil

Sumário

- ALEXANDRE PILATI* (Brasil), **12**
- ANTONELLA GIACON* (Itália), **23**
- BARBARA PUMHÖSEL* (Áustria), **36**
- BRENDA PORSTER* (Estados Unidos/Itália), **48**
- CARLOS NEJAR* (Brasil), **60**
- DONIZETE GALVÃO* (Brasil), **77**
- FLAVIANO PISANELLI* (Itália/França), **86**
- GLADYS BASAGOITIA DAZZA* (Peru/Itália), **100**
- HELENO GODOY* (Brasil), **113**
- ÍTALO MORICONI* (Brasil), **123**
- JOSÉ EDUARDO DEGRAZIA* (Brasil), **132**
- LUIZ RUFFATO* (Brasil), **145**
- MARTHA CANFIELD* (Uruguai/Itália), **154**
- NORBERTO ÁVILA* (Portugal), **168**
- NUNO JÚDICE* (Portugal), **180**
- VERA LÚCIA DE OLIVEIRA* (Brasil/Itália), **192**
- NOTAS BIOGRÁFICAS DOS (AS) TRADUTORES (AS), **206**

ALEXANDRE PILATI

Meu coração

é uma espelunca
embrulha-se
e engulha-se

engula-se!

como uma foto
de satélite
impreciso e impressionante
meu coração

só símbolo
só sim
só

meu coração:
bijuteria.

Il mio cuore*

è una spelonca
s'accartoccia
e si stucca

s'ingozzi!

come una foto
satellitare
impreciso e impressionante
il mio cuore

solo simbolo
solo sì
solo

il mio cuore:
bigiotteria.

* Traduções para o italiano de Cláudia V. Lopes e Vera Lúcia Oliveira.

Luminária

esta lua de inverno
cárie na boca do sertão
na escuridão torta e estatelada
é o nosso pobre sol de Maiakóvski

rodela de prata
vintém terrorista
detergente
proletária

solta lá no céu é só uma gravura na sala de estar periférica
um desagravo – desagregado satélite

ofuscada e fraca parece que pisca
mas luminará para toda a eternidade!

que ela brilhe mais que a fome, que a seca e que a morte
!que ela seja o lema que me leva!

vá prafóra, proesgoto
o oco negro que me chama
do *shamisen* de chammas de Times Square!

Luminaria

questa luna d'inverno
carie nella bocca del *sertão*
nell'oscurità storta e prostata
è il nostro povero sole di Maiakóvski

rondella d'argento
centesimo terrorista
detergente
proletaria

sciolta lassù nel cielo è solo un'immagine nel salotto periferico
uno sgravo – disgregato satellite

offuscata e fiacca sembra lampeggi
ma illuminerà per tutta l'eternità!

che essa brilli più della fame, della siccità e della morte!
!che essa sia il motto che mi porta!

viadaqui, alla fogna
il vuoto nero che mi chiama
dallo *shamisen* di fiamme di Times Square! – hghg

A Pasolini

*con te nel cuore,
in luce, contro te nelle buie viscere;*
P.P. Pasolini

dou-te meu colo,
fênix friulana, nunca de Bologna

quero tua boca e tua língua
numa Roma dividida em duas
metades da morte
(a medíocre alegria de haveres burgueses)
(o subproletariado felando a mercadoria)

ao pé de Gramsci, um arrepio de Wordsworth
e, é claro, as fontes! é claro, as cartas, o cárcere!

com tuas cinzas unto-me para o mundo
sinistro e sem par, sem pai – cazzo!

teu corpo rebrilha numa praia daqui ou de marte
massacrado para sempre
teu corpo rebrilha em pele vermelha dentro de mim
testemunha para sempre

a paixão fica por mil, mais velha – secreta – e de novo virgem

sinto muito,
não existe mais carne que possa como a tua
(*povero straccio di coscienza*)
fazer o mundo tingir-se outra vez de infâmia e de aurora

A Pasolini

*con te nel cuore,
in luce, contro te nelle buie viscere;*
P.P. Pasolini

ti do il mio collo,
fenice friulana, mai di Bologna

voglio la tua bocca e la tua lingua
in una Roma divisa in due
metà della morte
(la mediocre allegria degli averi borghesi)
(il sottoproletariato che succhia la merce)

ai piedi di Gramsci, brividi di Wordsworth
e, è ovvio, le fonti! è ovvio, le lettere, il carcere!

con le tue ceneri mi ungo per il mondo
sinistro, senza compagno, senza padre – cazzo!

il tuo corpo risplende su una spiaggia di qui o di marte
massacrato per sempre
il tuo corpo risplende in pelle rossa dentro di me
testimone per sempre

la passione a mille, più matura – segreta – e di nuovo vergine

mi dispiace,
non esiste più carne che possa come la tua
(povero straccio di coscienza)
fare il mondo tingersi un'altra volta d'infamia e di aurora

Ocaso

talvez ali
no ínfimo ângulo
onde a lenta tarde esparge
seus intensos dedos de mênstruo
sobre a crise e o sistema que se expandem;

talvez, só talvez,
nos esparsos becos que o lusco-fusco
ilumina em breves suspensos minutos,
onde presto se esconderão nódoas e escarros
desprezos vesperais algo dirão com a ima língua dos esquecidos.

(fetiches negaceiam,
encena-se o sempre monstro
– será de volta frustra
promessa a noite?)

é então que amalgamam-se no pré-tom da noite
sujeito, objeto, escravo, senhor; sujeita-se
o eu a esfacelar-se em difuso corpo e letreros.

é então que se escreve um poema que busca
a mimese dos vazios, o canto eloquente
do silêncio louco que estrui teu nome

– o nome do outro –

em cada vácuo da terra anciã e cansada
mas cujo ventre esbulhado ainda é capaz
de atra violência: de ânsias e tempestades.

Occaso

forse lì
nell'infimo angolo
dove il lento pomeriggio sparge
le sue intense dita di mestruo
sulla crisi e il sistema che si spandono;

forse, soltanto forse,
negli sparsi vicoli che il crepuscolo
illumina in brevi minuti sospesi,
dove presto si nasconderanno macchie e sputi
disprezzi vesperali qualcosa diranno con la lingua ima dei
dimenticati.

(feticci adescano,
si sceneggia il sempre mostro
– sarà un'altra volta frusta
promessa la notte?

è allora che si amalgamano nei pre-toni della notte
soggetto, oggetto, schiavo, signore; si assoggetta
l'io a scheggiarsi in diffusi corpi e insegne.

è allora che si scrive un poema che cerca
la mimesi dei vuoti, il canto eloquente
del silenzio pazzo che distrugge il tuo nome

– il nome dell'altro –

in ogni vacuo della terra anziana e stanca
il cui ventre spogliato ancora è capace
di atra violenza: di ansie e tempesta.

Garça

forma-linha
 isenta do caos
eis a garça entre desgraças
 branca entre o verde
das garrafas de guaraná
 no raso do Lago
 Paranoá

estranhada dos eco-problemas
como um poema pós-utópico
ela finca sua magra e bela pobreza
 sua magra e bela bandeira
 de puro mastro

infensa ao futuro e ao presente, mas não ao passado
sua frágil altivez é...

...é o que deu pra arranjar
para corrigir um pouco o curso
 e o ranger
 da destruição
 que chamamos civilização

Airone

forma-linea

esente dal caos
ecco l'airone tra le disgrazie
bianco tra il verde
delle bottiglie di guaraná
nel raso del Lago
Paranoá

estraneo dagli eco-problemi

come un poema post-utopico
lui infila la sua magra e bella povertà
la sua magra e bella bandiera
di puro palo

avverso al futuro e al passato, ma non al presente
la sua fragile alterigia è ...

... è ciò che si è potuto arrangiare
per correggere un po' il corso
e lo stridere
della distruzione
che chiamiamo civilizzazione



Alexandre Pilati nasceu em Brasília, Brasil, em 1976. É poeta, crítico literário e professor de literatura da Universidade de Brasília. Publicou os livros de poemas *sqs 120m2 com dce* (NTC, 2004); *prafóra* (7letras, 2007) e *e outros nem tanto assim* (7letras, 2015). Site: www.alexandrepilati.com

Alexandre Pilati è nato a Brasilia, Brasile, 1976. È poeta, critico letterario e insegnante di letteratura presso l'Universidade de Brasília. Ha pubblicato i libri di poemi *sqs 120m2 com dce* (NTC, 2004); *prafóra* (7letras, 2007) e *e outros nem tanto assim* (7letras, 2015). Sito www.alexandrepilati.com

ANTONELLA GIACON

Ho lasciato la terra di mia madre*
ci ho lasciato la zappa conficcata
è rimasta lì ferma
tramutata
nella statua di sale
del rimpianto

* Tradução para o português de Cláudia V. Lopes.

Deixei a terra de minha mãe
deixei ali a enxada enterrada
ficou lá imóvel
transmutada
na estátua de sal
do remorso

Voglio
che tu mi dica
se c'è ancora
lo scalino
dove mi sedevo.
C'erano incisi due segni
a croce
in angolo.
Li ho fatti
con un coccio a punta
volevo
che si vedesse
per tanto tempo.
Se tu li tocchi
ancora ti parlano.
Se tu li tocchi
se tu ci sei
vorrei sapere

Quero*
que você me diga
se ainda existe
o degrau
onde me sentava.
Havia dois sinais gravados
em cruz
no canto.
Eu os fiz
com um caco pontudo
queria
que fossem vistos
por muito tempo.
Se você os toca
ainda falam.
Se os toca
se está aí
queria saber

* Tradução para o português de Cláudia V. Lopes e Vera Lúcia de Oliveira.

Il separarsi dalle cose
è un fiume
che or lambisce la schiena
or la rapina
fino a che nudo è il letto
su cui scorre

Separar-se das coisas*
é um rio
que ora roça o dorso
ora o saqueia
até que esteja nu o leito
no qual escoa

* Tradução para o português de Cláudia V. Lopes.

Luoghi marchiati
di bellezza e dolore
luoghi
che ci assaltano gli occhi
luoghi che non sappiamo
luoghi dei mai nati
luoghi che ogni riposo ci abbandona
che la sera non giunge
dove il mai si congiunge

Lugares marcados*
de dor e beleza
lugares
que nos assediam os olhos
lugares que não sabemos
lugares dos nunca nascidos
lugares em que todo descanso nos abandona
em que a noite não chega
onde o nunca se conjunge

* Tradução para o português de Cláudia V. Lopes e Vera Lúcia de Oliveira.

La terra
dopo tanto mare
è pianto in gola
che le mani
agguantino la terra
la stringan grano a grano
tra le dita

La terra
dopo tanto pianto
è ancora pianto
per chi non ci accompagna
per chi alto ha levato
un fazzoletto
nube di velo
che nascondeva il piombo

A terra*
após tanto mar
é pranto na garganta
que as mãos
agarrem a terra
apertem-na grão por grão
entre os dedos

A terra
após tanto pranto
é ainda pranto
por quem não nos acompanha
por quem levantou
um lenço
nuvem de véu
que escondia o chumbo

* Tradução para o português de Cláudia V. Lopes.

Ogni confine
marchia la sua traccia
è la spina che punge
poi trafigge
è corona che spinta
col bastone
recinge e spezza
il corpo
la ragione

Todo confim*
demarca o seu traço
é a espinha que crava
e transpassa
é coroa que calcada
com a clava
amarra e quebra
o corpo
a razão



Antonella Giacom, nascida em Pádova, reside em Perúgia onde se formou em pedagogia e trabalha como docente e ministra cursos de escrita criativa e de didática da poesia na escola elementar e média. Mantém há vinte e dois anos cursos de escrita criativa para grupos de crianças, adolescentes e adultos e em 2013 ministrou um curso de escrita junto à seção feminina do *Istituto Circondariale di Capanne* (Perugia). Em 1994 publicou a recolha de poemas *Sottopressione* (Fara, Santarcangelo di Romagna). Em 1996 o seu romance *Fatata fonte* foi finalista na categoria inéditos do Prêmio Assisi. Tem poesias em dialeto veneto publicadas em diversas revistas, entre as quais *Tratti e Diverse Lingue*. Em dezembro de 2001, foi publicado o livro de poesia *Pegno d'amore* (Corsare, Perugia). Publicou pela Editora Effatà de Turim, em 2005, o livro *Piccoli alberi, piccole albere*. Em 2007 publicou pela editora Era nova de Perúgia o livro *Um modo nuovo di insegnare a leggere e a scrivere – la scuola elementare de Chiugiana nem decennio 1970–1980*. Nos últimos anos desenvolveu trabalhos sobre as possíveis interações entre escrita, teatro, fotografia, música e movimento expressivo, com a participação em leituras públicas, performances e espetáculos teatrais, dos quais também exerceu a direção.

Antonella Giacom, nata a Padova, risiede a Perugia dove si è laureata in pedagogia e lavora come insegnante e formatrice in scrittura creativa e didattica della poesia nella scuola elementare e media. Tiene da ventidue anni corsi di scrittura creativa con gruppi di bambini, adolescenti e adulti e nel 2013 ha tenuto un corso di scrittura presso la sezione femminile dell'*Istituto Circondariale di Capanne* (Perugia). Nel 1994 ha pubblicato la raccolta poetica *Sottopressione* (Fara, Santarcangelo di Romagna). Nel 1996 un suo romanzo, *Fatata fonte*, è stato finalista per gli inediti al Premio Assisi. Ha poesie in dialetto veneto pubblicate su diverse riviste, tra le quali *Tratti e Diverse Lingue*. Nel dicembre 2001, è uscito il libro di poesia *Pegno d'amore* (Corsare, Perugia). Ha pubblicato con l'Editrice Effatà di Torino, nel 2005, il libro *Piccoli alberi, piccole albere*. Nel 2007 ha pubblicato con l'editrice Era Nuova di Perugia il libro *Un modo nuovo di insegnare a leggere e a scrivere-la scuola elementare di Chiugiana nel decennio 1970–1980*. Negli ultimi anni ha lavorato sulle possibili interazioni tra scrittura, teatro, fotografia, musica e movimento espressivo, con la partecipazione a letture pubbliche, performance e spettacoli teatrali, di cui ha condotto anche la regia.

* Tradução para o português de Cláudia V. Lopes e Vera Lúcia de Oliveira. Os poemas de Antonella Giacom foram extraídos do livro *Emigrantes*, inédito.

BARBARA PUMHÖSEL

(still life)

sulla tela
di una natura morta
ho trovato
un'alzavola ancora viva
con lo specchio delle ali
intatto e adagio e attenta
l'ho portata
in salvo verso un'altra
lingua

(Da *In transitu*; Arcipelago itaca)

*(still life)**

sobre a tela
de uma natureza morta
encontrei
uma marrequinha ainda viva
com o espelho das asas
intacto e cauta e atenta
coloquei-a
a salvo numa outra
língua

(De *In transitu*; Arcipelago itaca)

* Traduções para o português de Claudia V. Lopes.

di sera l'acqua trasporta
nitida tersa trasparente la voce
sull'altra riva e dà sostegno
alla risposta che torna
si può tessere una rete di sera
sopra l'acqua
di parole sospese
una rete che tiene
ma per il mattino dopo
non ci sono garanzie
conviene andare più a valle cercare
un banco di sabbia e raccogliere
ciò che si arena

de noite a água transporta
nítida tersa transparente a voz
para a outra margem e dá apoio
à resposta que torna
pode-se tecer uma rede de noite
sobre a água
de palavras suspensas
uma rede que resiste
mas na manhã seguinte
não há garantias
convém ir rio abaixo procurar
um banco de areia e recolher
o que está encalhado

tutte le poesie sui fiumi
mi fanno piangere
anche quelle brutte
quelle con la rima facile
quelle con i versi
costretti in un corsetto
che non va e addirittura
le filastrocche
didascaliche con l'indice
alzato, piango per i fiumi
piango per le parole
e penso che probabilmente
come il Danubio
ogni grande fiume
ha da qualche parte
lungo le sue rive
un cimitero che si chiama
dei senza nome per coloro
che l'acqua ha portato
con sé e poi lasciato
sulla rena o tra le canne

todas as poesias sobre os rios
me fazem chorar
mesmo aquelas mais feias
aquelas com rima fácil
aquelas com os versos
constringidos em um corpete
que não entra e até mesmo
as cantigas de roda
didascálicas com o dedo
em riste, choro pelos rios
choro pelas palavras
e penso que provavelmente
como o Danúbio
todos os grandes rios
têm em algum lugar
ao longo de suas margens
um cemitério que se chama
dos sem-nome para aqueles
que a água levou
consigo e depois deixou
na areia ou entre os juncos

Errata corrige

mi fai l'elenco degli errori
e delle correzioni adeguate
ti ringrazio e cerco
di applicarle ma presto
mi blocco – ogni errore
nasconde un passaggio
segreto percorribile in due
sensi una via di fuga
una possibilità di andare
oltre
non voglio rendere
impenetrabile questo mondo
di carta
tu insisti con le regole
la grammatica le leggi
del discorso
annuisco e me la svigno
con un errore impavido
e gentile verso righe
nuove e sconosciute

Errata corrige

me faz o elenco dos erros
e das correções adequadas
agradeço e tento
aplicá-las mas logo
me bloqueio – cada erro
esconde uma passagem
secreta viável em dois
sentidos uma via de fuga
uma possibilidade de ir
além
não quero tornar
impenetrável o mundo
de papel
você insiste com as regras
a gramática as leis
do discurso
aceno e escapo
com um erro impávido
e gentil em direção a linhas
novas e desconhecidas

(In transitu)

è in cammino da molto
quel verso randagio
non ha trovato casa
parole a cui aggregarsi
spesso ne ha viste
di belle ma erano già
al completo
ora sta vicino a un'area
di detriti rottami e relitti
verbali con cani corvi
e gabbiani e come tutti
anch'egli ogni tanto
pesca qualcosa di buono
da riciclare e per il resto
fa finta che stia per arrivare
l'ora di una nuova partenza
come se fossero sempre
vive nella sua mente
l'urgenza e la meta

(In transitu)

está em caminho há muito
aquele verso vadio
não encontrou morada
palavras às quais se agregar
tantas vezes as viu
belas mas já
completas
agora se aproxima de uma área
de detritos de sucata e destroços
verbais com cães corvos
e gaivotas e como todos
também ele vez por outra
pesca alguma coisa boa
para reciclar e aliás
faz de conta que está próxima
a hora de uma nova partida
como se estivessem sempre
vivas em sua mente
a urgência e a meta



Barbara Pumhösel nasceu na Áustria e vive na Itália, próximo a Firenze, há muitos anos. Traduz e escreve em italiano e em alemão. Publicou muitos livros infantis, o último, *Gli errori di Crocodilo* (Il Castoro), é de 2016. Em 2009 o seu texto “La frontiera li attraversa: appunti sulla poesia transculturale austriaca” foi inserido no volume *I colori sotto la mia lingua: scritture transculturali in tedesco*, organizado por Eva-Maria Thüne & Simona Leonardi (Aracne, Roma). É Poetry Fellow da Fundação Bogliasco (Centro Studi Ligure, Genova), e membro da Compagnia delle Poete (www.compagniadellepoete.com), faz parte do comitê editorial de *El Ghibli – El Ghibli – Rivista di Letteratura della Migrazione* (<http://www.el-ghibli.org/>) e é sócia da ICWA – Associazione Italiana Scrittori per Ragazzi (www.icwa.it). Publicou alguns livros na Áustria (*Dammar. Literaturedition Niederösterreich*, 2013; *Parklücken*. Berger, 2013; *gedankenflussabwärts*, Edition Thurnhof), 2009. Na Itália publicou *prugni* (Cosmo Iannone), em 2008, e acaba de publicar uma nova coletânea de versos, *In transitu* (Archipelago itaca).

Barbara Pumhösel è nata in Austria e vive in Italia, vicino a Firenze, da molti anni. Traduce e scrive in italiano e in tedesco. Ha pubblicato molti libri per bambini, l'ultimo, *Gli errori di Crocodillo* (Il Castoro), è

del 2016. Nel 2009 il suo scritto “La frontiera li attraversa: appunti sulla poesia transculturale austriaca” è stato inserito nel volume *I colori sotto la mia lingua: scritture transculturali in tedesco*, a cura di Eva-Maria Thüne & Simona Leonardi (Aracne, Roma). Poetry Fellow della Fondazione Bogliasco (Centro Studi Ligure, Genova), membro della Compagnia delle Poete (www.compagniadellepoete.com), fa parte del comitato editoriale di El Ghibli – Rivista di Letteratura della Migrazione <http://www.el-ghibli.org/> ed è socia dell'ICWA – Associazione Italiana Scrittori per Ragazzi (www.icwa.it). Ha pubblicato alcuni libri in Austria (*Dammar*. Literaturedition Niederösterreich, 2013; *Parklücken*. Berger, 2013; *gedankenflussabwärts*, Edition Thurnhof), 2009. In Italia, ha pubblicato *prugni* (Cosmo Iannone), del 2008, ed è appena uscita una nuova raccolta, *In transitu* (Arcipelago itaca).

BRENDA PORSTER

Una lettera

Sono ancora convinta, mio caro,
che è tutto questione di potere –
quel tuo amico 'Dio'
entra di nascosto nel nostro giardino
a spiarcì quando e come gli piace,
senza un minimo di ritegno.
Ti pone divieti assurdi
poi si sente grande quando vede
come tu, da bravo ragazzo
ubbidiente, gli dai retta
sempre.

A dire il vero
a questo patto tra 'uomini'
non ci ho mai creduto –
si capisce che con me
non ci avrebbe neanche provato.
Mi sai spiegare, poi,
perché di tutti i frutti
è la conoscenza che ci è proibita,
saper distinguere il bene dal male,
poter scegliere il giusto?

Avrai capito ormai
il serpente non ci entrava affatto.
Ero io che volevo dare
un taglio definitivo. Basta
al giardino recintato, l'aria profumata,
delizie comandate, il sesso
innocente, insipido, spiato.
Non riuscivo a prendere fiato.
Su, andiamocene di qua –
là fuori c'è il mondo: diviso, mortale,
libero.

Uma carta*

Ainda estou convencida, meu caro,
que é tudo questão de poder –
aquele seu amigo 'Deus'
entra de mansinho em nosso jardim
para nos espiar quando e como lhe agrada,
sem um mínimo de pudor.
Impõe restrições absurdas
e se sente grande quando vê
que você, como um bom menino obediente,
lhe dá ouvidos
sempre.

Para dizer a verdade
nesse pacto entre 'homens'
nunca acreditei –
percebe-se que comigo
não teria sequer tentado.
Você sabe me explicar, então,
por que de todos os frutos
é o conhecimento que nos é proibido,
saber distinguir o bem do mal,
poder escolher o justo?

Terá já entendido
que a serpente nada tinha a ver com isso.
Era eu que queria dar
um corte definitivo. Basta
com o jardim cercado, o ar perfumado,
delícias comandadas, o sexo
inocente, insípido, espiado.
Não conseguia nem respirar.
Vem, vamos embora daqui –
lá fora há um mundo: dividido, mortal,
livre.

* Traduções para o português de Cláudia V. Lopes e Vera Lúcia de Oliveira.

La curva delle cose

“Queste cose finiscono col prendere una certa curva” –
e allora tu che fai alla fine della curva?
Scendi, s’intende, o meglio, ti fanno scendere,
poni il piede in un punto isolato,
un territorio vuoto e scolorito, spaesata
ti guardi attorno e non trovi nessun
orizzonte, nessun asse a cui riferirti solo
vaste sospensioni di spazio
e di tempo senza direzione da seguire,
se non indietro,
dove non puoi, non vuoi andare
benché ogni fibra del tuo corpo
sia rivolta
a quel magnete.

A curva das coisas

"Estas coisas acabam por pegar uma certa curva" –
e então o que você faz ao final da curva?
Desce, claro, ou melhor, o fazem descer,
você põe o pé em um ponto isolado,
um território desbotado e vazio, perdido
olha ao redor e não encontra nenhum
horizonte, nem um eixo que oriente apenas
vastas suspensões de espaço
e de tempo sem direção a seguir,
a não ser para trás,
aonde você não pode, não quer ir
embora todas as fibras do seu corpo
dirijam-se
para aquele ímã.

Antigone in Puglia*

Scagliate eravamo
dentro il buio navigare lontano
senza meta, ma insieme,
lei riempiva esattamente
l'avidità del mio braccio
un umido peso caldo il suo bisogno
che io sola potevo saziare,
le vaghe profondità scure
degli occhi, il disperato cercare,
i piccoli pugni stretti a conchiglia,
rosee dita-gamberetti
che afferrano il mio seno,
le labbra esitanti, e poi quel tirare
come morsa di vita da me a lei
a soddisfare il nostro mutuo bisogno,
l'una all'altra legate, in perfezione,
il cerchio chiuso.

Quand'è che ho visto che lei non c'era
più, il suo piccolo peso
fiacco, sospeso, il calore tutto prosciugato,
il suo cercare cessato?
Lei non aveva più bisogno di me,
mentre io ero rimasta
anelante, il mio braccio un cerchio
vuoto. Una morsa di ghiaccio mi ha stretto
al petto e all'improvviso ho saputo –
sarebbero arrivati loro
e l'avrebbero gettata negli abissi infiniti,
sarebbe caduta giù
per non essere trovata mai più
il suo piccolo corpo a spiegare
braccia fluttuanti di anemone
per sempre cercando per sempre

* Per aver seppellito la figlia neonata sulla spiaggia della Puglia, dove era approdata dopo essere fuggita dal Kosovo, questa madre Rom fu arrestata dalla polizia italiana e denunciata per occultamento illecito di cadavere.

esposta.

No! Non poteva essere! Io,
sua madre, le avrei reso una calda copertura,
sabbia decorosa e luogo,
una collocazione della mente
per entrambi i nostri bisogni, insieme
ancora un attimo, prima di dirle
un'ultima volta – buona notte,
cuore mio, buona notte,
e l'ho lasciata là.

Antígona na Apúlia*

Jogadas estávamos
no escuro navegar longíquo
sem meta, mas juntas,
ela preenchia exatamente
o ávido berço dos meus braços
um peso quente e úmido a sua fome
que só eu podia saciar,
as vagas profundezas escuras
dos olhos, a busca desesperada,
os pequenos pulsos cerrados como conchas,
róseos dedos-camarão
que agarravam o meu peito,
os lábios hesitantes, e esse sugar
como um apego à vida de mim para ela
satisfazendo a nossa necessidade mútua,
uma à outra unida, em perfeição,
em círculo fechado.

Quando é que percebi que ela não estava
mais ali, o seu pequeno peso
frágil, suspenso, todo o calor extinto,
a sua busca cessada?
Ela não precisava mais de mim,
enquanto eu ficara
ofegante, os meus braços um círculo
vazio. Garras gélidas apertaram-me
o peito e de repente eu soube –
eles viriam
e a jogariam nos abismos infinitos,
ela afundaria ali
nunca mais seria encontrada
o seu pequeno corpo a explicar
braços flutuantes de anêmonas
para sempre buscando para sempre
exposta.

* Por ter sepultado a filha recém-nascida em uma praia da Apúlia, onde desembarcara depois de ter fugido do Kosovo, esta mãe de origem Rom foi presa pela polícia italiana e denunciada por ocultação de cadáver.

Não! Não podia ser! Eu,
sua mãe, lhe daria um aconchegante abrigo,
areia decorosa, um lugar,
um espaço da mente
para nossa mútua fome, juntas
um instante ainda, antes de lhe dizer
pela última vez – boa noite,
meu amor, boa noite,
e a deixei ali.

La vecchiaia delle stelle

anche per i corpi celesti
c'è un tempo lineare, ineluttabile
la giovane stella azzurra
è tersa, scattante
attraversa poi la maturità
un bianco diamante.

ma ciò che a me interessa ora
è la vecchiaia della stella
quando, mostruosamente grande,
in rarefatto decadimento
si adagia nel cielo, anziana signora
vestita di rosso, stravaccata in poltrona e
soddisfatta.

A velhice das estrelas

até mesmo para os corpos celestes
há um tempo linear, inelutável
a jovem estrela azul
é tersa, vigorosa
atravessa então a maturidade
branco diamante.

mas o que me interessa agora
é a velhice da estrela
quando, monstruosamente grande,
em rarefeita decadência
se acomoda no céu, idosa senhora,
vestida de vermelho, despencada em uma poltrona
e satisfeita.



Brenda Porster, nascida em Filadélfia (EUA), reside há muitos anos em Florença, ensinando língua e literatura inglesa em liceus e na universidade. Os seus poemas em inglês e italiano estão publicados em numerosas antologias, revistas e *sites* literários seja na Itália seja no exterior. Em 2013 ganhou o primeiro prêmio literário no concurso 'Donna e Poesia' com o poema "Una lettera". Trabalha também como tradutora de textos literários, especialmente de poesia italiana contemporânea (traduziu, entre outros, Mario Luzi). Com Loredana Magazzeni, Fiorenza Mormile e Anna Maria Robustelli organizou duas antologias de poesia feminina em língua inglesa: *Corporea: il corpo nella poesia femminile contemporanea di lingua inglese* (Le voci della luna, 2009) e *La tesa fune rossa dell'amore: madri e figlie nella poesia femminile contemporanea di lingua inglese* (La vita felice, 2015). Integra *La compagnia delle poete*, grupo teatral de escritoras migrantes que adotam, além de suas línguas maternas, o italiano como língua de escrita. Site: www.compagniadellepoete.com

Brenda Porster è nata a Philadelphia (USA) e da molti anni abita a Firenze, insegnando lingua e letteratura inglese ai licei e all'Università. Le sue poesie in inglese e in italiano sono pubblicate in numerose antologie, riviste e siti letterari sia in Italia sia all'estero. Nel 2013 ha vinto il primo premio nel concorso nazionale 'Donna e Poesia' con il testo "Una lettera". Lavora anche come traduttrice di testi letterari, specialmente di poesia italiana contemporanea (ha tradotto, fra i tanti altri, Mario Luzi). Con Loredana Magazzeni, Fiorenza Mormile e Anna Maria Robustelli ha curato due antologie di poesia femminile di lingua inglese: *Corporea: il corpo nella poesia femminile contemporanea di lingua inglese* (Le voci della luna, 2009) e *La tesa fune rossa dell'amore: madri e figlie nella poesia femminile contemporanea di lingua inglese* (La vita felice, 2015). Fa parte della compagnia teatrale femminile, *La compagnia delle poete*, gruppo teatrale di scrittrici migranti che adottano, oltre alle proprie lingue materno, italiano come lingua di scrittura. Site: www.compagniadellepoete.com

CARLOS NEJAR

Estão enferrujados

Estão enferrujados
o ferro e a solidão,
o jugo com sua casa,
o medo e a noite vasta,
porém o sonho não.

Estão enferrujadas
a morte e a sua aljava,
a faca sob a toca,
porém, o braço não:
quando se ergue, corta.

(Do livro *O Campeador e o vento*, 1966)

Sono arrugginiti*

Sono arrugginiti
il ferro e la solitudine,
il giogo e la sua casa,
la paura e la lunga notte,
però il sogno no.

Sono arrugginiti
la morte e la sua faretra,
il coltello sotto la tana,
però, il braccio no:
quando si erge, taglia.

(Dal libro *O Campeador e o vento*, 1966)

* Traduções para o italiano de Vera Lúcia Oliveira.

O que é do homem

O que é do homem
ninguém lhe tira.

O rosto gume
dentro do gesto.
Ninguém lhe tira.

O gesto exato
dentro da morte.
Ninguém lhe tira.

A morte sempre
na noite funda
e o viço aceso
de sua luta.

(Do livro *O Campeador e o vento*, 1966)

Quel che è dell'uomo

Quel che è dell'uomo
nessuno glielo toglie.

Il volto acuminato
dentro il gesto.
Nessuno glielo toglie.

Il gesto esatto
dentro la morte.
Nessuno glielo toglie.

La morte sempre
nella notte fonda
e la forza accesa
della sua lotta.

(Dal libro *O Campeador e o vento*, 1966)

Claridade

O barulho de existir:
um cão
dentro de mim.

Atravesso
como a um pátio
o barulho de existir.

(Do livro *Árvore do mundo*, 1977)

Chiarore

Il rumore di esistere:
un cane
dentro di me.

Attraverso
come ad un cortile
il rumore di esistere.

(Dal libro *Árvore do mundo*, 1977)

Sabedoria

Nossa sabedoria é a dos rios.
Não temos outra.
Persistir. Ir com os rios,
onda a onda.

Os peixes cruzarão nossos rostos vazios.
Intactos passaremos sob a correnteza
feita por nós e o nosso desespero.
Passaremos límpidos.

E nos moveremos,
rio dentro do rio,
corpo dentro do corpo,
como antigos veleiros.

(Do livro *Árvore do mundo*, 1977)

Saggezza

La nostra saggezza è quella dei fiumi.
Non ne abbiamo un'altra.
Persistere. Andare con i fiumi,
onda su onda.

I pesci incroceranno i nostri visi vuoti.
Intatti passeremo sotto la corrente
creata da noi e dalla nostra disperazione.
Passeremo limpidi.

E ci muoveremo,
fiume dentro fiume,
corpo dentro corpo
come antichi velieri.

(Dal libro *Árvore do mundo*, 1977)

Ritual

A Fabrício

Sabias que as minhas roupas
conservavam a epiderme
de meu sonho
e estavam ali,
não viajavam comigo,
estavam ali,
guardiãs da primavera
na gaveta
de um retorno pródigo
ao pai inconsolável.
Sabias, filho,
e conversavas longamente
com as roupas,
conversavas entardeceres muitos
com minha longa ausência.

Havia rumor nelas:
peixes num aquário
de flanela e linho.
Um subterrâneo ritmo
as removia.
O mundo vegetal e animal
eram rabiscos
no embaralhar
ocioso das sombras.
O que procuravas
entre as roupas:
algum amor banido,
a lágrima, o instinto
de me sobreviver?

(Do livro *Os Viventes*, 1979)

Rituale

A Fabrício

Sapevi che i miei vestiti
conservavano l'epidermide
del mio sogno
ed erano lì,
non viaggiavano con me,
erano lì,
custodi della primavera
nel cassetto
di un ritorno prodigo
al padre inconsolabile.
Sapevi, figliolo,
e conversavi a lungo
con i vestiti,
conversavi in tanti tramonti
con la mia lunga assenza.

C'era rumore in essi:
pesci in un acquario
di flanella e lino.
Un sotterraneo ritmo
li agitava.
Il mondo vegetale e animale
erano scarabocchi
nel mescolarsi
ozioso delle ombre.
Cosa cercavi
fra i vestiti:
un amore espulso,
la lacrima, l'istinto
di sopravvivermi?

(Dal libro *Os Videntes*, 1979)

A nuvem das sementes

Os meus poemas, sei, serão errantes,
como fui, quando vivo
e terão rosto, a matrícula
de nascimento, a lisa,
aventurosa juventude
dos meus dias felizes.

E seguirão no pó, ou entre
os cereais, que meu povo cultiva,
no cesto de avelãs, ou com o pão
ardente e fresco. Acompanharão
os solitários na sacola
de auroras, irão com os
que se amam. Porejantes
no trabalho, com o ferreiro,
no descanso da fábrica,
ou com a moça espojada
sobre a grama, por entre
os cinamomos. Quero
os meus poemas, junto
aos que sofrem ou tentam
respirar a nova vida
do homem. E sejam sal
e não serão pisados.

Salvo se em parreiras forem,
uvas no lagar dos países.
Mas não quero divisas ou pedágios,
para a sua entrada, entre
os que vivem. E levados
pelo espírito, libertos
sejam na palavra.

E até de mim, que os trouxe
para a escrita. Pois foram
se escrevendo com esta tinta
das coisas infinitas.

E não cabem nas túbias
bibliotecas, se não forem
trilhados com ardor
de quem os leia na vereda
secreta da centelha,
ou do peixe na água.

E falem da minha intimidade

com a nuvem das sementes.
E que me sobrevivam.

(Do livro *Os Viventes*, 1979)

La nube dei semi

Le mie poesie, lo so, saranno erranti,
come me, da vivo
e avranno volto, il certificato
di nascita, la levigata,
avventurosa gioventù
dei miei giorni felici.
E vivranno nella polvere, o fra
i cereali, che la mia gente coltiva,
nel cesto di nocciole, o con il pane
ardente e fresco. Accompagneranno
i solitari nella bisaccia
delle aurore, andranno con quelli
che si amano. Sodate
al lavoro, con il fabbro,
nel riposo della fabbrica,
o con la ragazza stesa
sull'erba, in mezzo
ai cinnamomi. Voglio
le mie poesie, insieme
a coloro che soffrono o tentano
di respirare la nuova vita
dell'uomo. Che siano sale
e non saranno calpestate.
Salvo se vitigni fossero,
uva nel torchio dei paesi.
Ma non voglio frontiere o pedaggi,
per il loro ingresso, fra
coloro che vivono. E portate
dallo spirito, liberate
siano nella parola.
E anche da me, che le ho rese
in scrittura. Poiché si sono
scritte con questo inchiostro
delle cose infinite.
E non entreranno nelle tiepide
biblioteche, se non saranno
vagiate con l'ardore
di chi le legga nel sentiero
segreto della scintilla,
o del pesce nell'acqua.

E parlino della mia intimità
con la nuvola dei semi.
E che mi sopravvivano.

(Dal libro *Os Viventes*, 1979)

De longo curso

Para Elza

Minha alma descansa
na tua alma,
onde a luz jamais
desativada:
é um navio de longo
curso pela água.

Redonda a luz e nós
atracamos na foz
com o fundo calmo.
Em mim te almas
E te amando, eu almo.

(Do livro *A espuma do fogo*, 2002)

Di lungo corso

Per Elza

La mia anima riposa
nella tua anima,
dove la luce mai è
spenta:
nave di lungo
corso nelle acque.

Rotonda la luce e noi
ormeggiamo alla foce
con il fondo calmo.
In me ti animi
e amandoti, io animo.

(Dal libro *A espuma do fogo*, 2002)



Carlos Nejar, gaúcho, de Porto Alegre, é poeta, ficcionista e ensaísta, autor da *História da Literatura Brasileira* (em 3ª edição). Tem sua poesia completa publicada em dois volumes, *A Idade da Noite e A Idade da Aurora* (Ateliê Editorial), ampliada em 2009, com os livros *A Amizade do mundo e a Jovem Eternidade* (Editora Novo Século). Publicou vários romances, entre eles, *Carta aos Loucos; Riopampa (ou o Moinho das Tribulações)*, que recebeu o Prêmio Machado de Assis, da Fundação da Biblioteca Nacional, em 2001; *A Engenhosa Letícia do Pontal e O Poço dos Milagres* (Prêmio da Associação Paulista de Críticos de Arte). Sua obra poética e ficcional foi traduzida em várias línguas e é estudada em universidades brasileiras e estrangeiras. Pertence à Academia Brasileira de Letras e à Academia Brasileira de Filosofia. É procurador de justiça aposentado e, depois de várias andanças pelo país, radicou-se na “Morada do Vento”, em Vitória (Espírito Santo).

Carlos Nejar, nato a Porto Alegre, è poeta, prosatore e saggista, autore della *História da Literatura Brasileira* (già nella 3ª edizione). Le sue poesie complete sono state riunite in due volumi, *A Idade da Noite e A Idade da Aurora* (Ateliê Editorial), ampliati nel 2009 con l'aggiunta dei libri *A Amizade do mundo e a Jovem Eternidade* (Editora Novo Século). Ha dato alle stampe diversi romanzi, tra i quali *Carta aos Loucos; Riopampa (ou o Moinho das Tribulações)*, che ha ricevuto il Premio Machado de Assis dalla Fundação da Biblioteca Nacional, nel 2001; *A Engenhosa Letícia do Pontal e O Poço dos Milagres* (Premio dell'Associazione Paulista de Críticos de Arte). La sua opera poetica e narrativa è tradotta in diverse lingue e studiata in università brasiliane e straniere. Appartiene all'Accademia Brasiliana di Lettere e all'Accademia Brasiliana di Filosofia. È procuratore di giustizia in pensione e, dopo aver vissuto in varie località del paese, si è stabilito a Vitória, capitale dello Stato di Espírito Santo (Brasile), dove attualmente risiede.

DONIZETE GALVÃO

Night windows*

O quarto está deserto.
Uma das janelas está aberta.
O vento suga a cortina branca para fora da casa.
Alguém está por um fio.
Alguém aposta sua última ficha.
Um corpo cairá no negrume da noite.

* Poemas extraídos do livro *O homem inacabado* (São Paulo, Dobra Editora, 2010). Seleção e traduções para o italiano de Vera Lúcia de Oliveira.

Night windows

La camera è deserta.
Una delle finestre è aperta.
Il vento risucchia la tenda bianca fuori di casa.
Qualcuno è appeso a un filo.
Qualcuno sposta la sua ultima fiche.
Un corpo cadrà nell'oscurità della notte.

A aparição dos objetos

Tirar do ciclo da morte
aquilo que tantos desprezam –
restos, trapos, cordas,
estrados de cama e roupas sujas –
e fazer com que na tela
nova realidade se revele.
Embebidos de tinta,
os objetos em sua humildade
ganham outra manifestação.
Renomeados pelo olhar,
pelas mãos do pintor
estão para sempre
consagrados.

L'apparizione degli oggetti

Togliere dal ciclo della morte
quello che tanti disprezzano –
resti, stracci, corde,
reti da letto e vestiti sporchi –
e fare sì che nella tela
nuova realtà si riveli.
Imbevuti di colore,
gli oggetti nella loro umiltà
acquistano un'altra esistenza.
Rinominati dallo sguardo,
dalle mani del pittore
sono per sempre
consacrati.

O asfalto, enfim

Se toda morte é descida,
a morte mais dolorida
é aquela com o corpo
varado de balas
debruçado
sobre o carrinho de construção
que desce as valas da favela.

Morte de cabeça para baixo
como deveria ter sido a vida
inteira
do moleque teimoso
que à força da bala
quis levantá-la do chão.

L'asfalto, infine

Se ogni morte è discesa,
la morte più penosa
è quella con il corpo
crivellato di proiettili
 riverso
sulla carriola del cantiere
che discende i fossi della favela.

Morte con la testa in giù
come deve essere stata la vita
 intera
del ragazzo testardo
che a furia di proiettili
 ha voluto rialzarla dal suolo.

Depreciação

De hoje em diante
não irás ganhar o pão
com o suor do teu rosto.
Não precisarás mais de rosto.
Nem de suor.
Nem de um corpo.
De hoje em diante
a máquina imperfeita
dos teus músculos
será mais um objeto
em desuso.

Svalutazione

Da oggi in poi
non guadagnerai il pane
con il sudore della tua fronte.
Non avrai più bisogno di fronte.
Né di sudore.
Né di un corpo.
Da oggi in poi
la macchina imperfetta
dei tuoi muscoli
sarà un altro oggetto
in disuso.



Donizete Galvão publicou o primeiro livro nos anos oitenta do século passado, sendo considerado um dos poetas mais originais da sua geração. Nascido em Borda da Mata, em Minas Gerais, em 1955, publicou os volumes *Azul Navalha* (1988), *As faces do rio* (1991), *Do silêncio da pedra* (1996), *A carne e o tempo* (1997), *Ruminações* (1999), *Pelo corpo* (2002), em parceria com Ronaldo Polito, *Mundo mudo* (2003) e *O homem inacabado* (2010), além dos volumes de poesia para crianças *O sapo apaixonado* (2007) e *Mania de bicho* (2009). Recentemente, saíram os livros *Escoiceados* (2014), com belas ilustrações de Carlos Clémen, e o volume antológico *Ofícios do tempo* (2014), ambos póstumos. Formado em jornalismo, o poeta viveu e trabalhou por muitos anos em São Paulo, onde a faleceu em janeiro de 2014.

Donizete Galvão ha pubblicato il primo libro negli anni ottanta del secolo scorso, è considerato uno dei poeti più originali della sua generazione. Nato a Borda da Mata, in Minas Gerais, nel 1955, ha pubblicato i volumi *Azul Navalha* (1988), *As faces do rio* (1991), *Do silêncio da pedra* (1996), *A carne e o tempo* (1997), *Ruminações* (1999) *Pelo corpo* (2002), in collaborazione con Ronaldo Polito, *Mundo mudo* (2003) e *O homem inacabado* (2010), oltre dei volumi di poesia per bambini *O sapo apaixonado* (2007) e *Mania de bicho* (2009). Recentemente sono stati pubblicati i libri *Escoiceados* (2014) con belle illustrazioni Carlos Clémen, e il volume antologico *Ofícios do tempo* (2014), entrambi postumi. Laureato in giornalismo, il poeta ha vissuto e lavorato per molti anni a San Paolo, dove è morto nel gennaio di 2014.

FLAVIANO PISANELLI

In – terwal*

Ti muovi come un'onda
che raccoglie detriti
e se ne va.

L'appartenerti nel sonno
disegna il tuo partire
senza il peso del mondo.

È un canto che non conta
il fardello di passione
che del tuo andare
già rimuore.

Nice, 2001

* Poemas extraídos do livro *Erranza e dintorni / Errance et alentours*, Magagnosc, Oxybia éditions, 2013.
Traduções para o português de Marie-Noëlle Ciccía.

In – terwal

Moves-te como uma onda
que recolhe detritos
e vai-se embora.

Pertencer-te no sono
desenha a tua partida
sem o peso do mundo.

É um canto que não conta
o fardo de paixão
que pela tua partida
já morre.

Nice, 2001

Distrazione

Tutta l'Africa c'era
in quei fari neri
protesi verso il mare.

Mare non era
quel sale acerbo
di malinconia.

Villefranche-sur-Mer, 2001

Distração

Toda a África estava
nesses faróis pretos
alongando-se para o mar.

Não era o mar
esse sal áspero
de melancolia.

Villefranche-sur-Mer, 2001

Tunisi

Non c'è punto di fuga né prospettiva
la terra è luce
l'uomo un coriandolo che si posa.

In questo lento formicare d'ombre
il tempo è un abbraccio
una promessa
filari e filari d'ulivi silenziosi
che non si lasciano contare.

Non ho mai sentito il mare
così vicino alla terra
e la passione al mistero
dove tutto passa e resta
come un corpo
che rinasce e che rimuore.

La Marsa, 2006

Tunes

Nem ponto de fuga nem perspectiva
a terra é luz
o homem um confete pousado nela.

Nesse lento formigueiro de sombras
o tempo é um abraço
uma promessa
filas e filas de oliveiras silenciosas
que não se deixam contar.

Nunca ouvi o mar
tão próximo da terra
e a paixão do mistério
em que tudo passa e permanece
como um corpo
que renasce e volta a morrer.

La Marsa, 2006

Mare Spaccato

Nessuna tregua
fra questi due mari
spaccati.
Si sta
chiusi
sul bilico parlabile
sottovoce:
un ghigno
si stacca appena
e torna freddo
nell'alcova.
Il tempo è una corda
lo spazio
pelle che aggrotta
al passaggio.
Nessuna redenzione
fra questi due mari
spaccati
l'esodo resta
un'impronta fissa
disuguale
la grazia una promessa.

Non chiedermi il sempre
di quel che manca
la direzione del moto
senza verso
né durata.

Il centro è zona di fuga

come potrei descrivere
i miei paesaggi abbozzati
che cambiano prima che regga la parola
sulla soglia del timore.

I miei piedi non sono una radice
ma un solo stare incerto fra due passi.

Ascoli Piceno, 2009

Mar partido

Nenhuma trégua
entre esses dois mares
partidos.
Está-se
fechado
sobre o precário dizível
em voz baixa:
um zombar
mal se destaca
e frio regressa
à alcova.
O tempo é uma corda
o espaço
pele que se encrespa
na passagem.
Nenhuma redenção
entre esses dois mares
partidos
o êxodo permanece
uma marca cristalizada
desigual
a graça de uma promessa.

Não me peças o sempre
daquilo que faz falta
a direção do movimento
sem meta
nem duração.

O centro é zona de fuga

como poderia eu descrever
as minhas paisagens esboçadas
que mudam antes que a palavra resista
no limiar do receio.

Os meus pés não são raízes
mas incerteza entre dois passos.

Saluto materno

Un ago fitto di nostalgia
dentro una vita da dimenticare.
Così appari e scompari come l'acqua
in un riflusso ultimo
secretum.

L'assedio del mare è una ricreazione
occhi spenti nell'aria fredda del mattino
cenci rigonfi di sonno e di fatica
a vestire l'ombra sfrangiata
in mille e mille fili
e movimenti.
Un abbraccio e sarebbe ancora dire:
una sillaba-pietra
un braccio di mare
il parlare dialettale
erranti intorno al centro
il saluto-francobollo come viatico
dietro le tende

tu reviendras bientôt, n'est-ce pas ?

e una notte s'aggiunge alla notte
del tuo corpo rotto dentro la vestaglia.

Villeneuve-lès-Avignon, 2007

Saudação materna

Uma agulha de nostalgia
afundada numa vida a esquecer.
Assim apareces e somes como a água
num último refluxo
secretum.

O assédio do mar é um recreio
olhos apagados no ar frio da manhã
trapos inchados de sono e cansaço
vestindo a sombra retalhada
em mil e mil fios
e movimentos.
Um abraço, seria ainda dizer:
uma sílaba-pedra
um braço de mar
o falar dialetal
que vagueiam à volta do centro
a saudação-selo
viático por trás das cortinas

tu reviendras bientôt, n'est-ce pas ?

e uma noite soma-se à noite
do teu corpo exausto dentro de um roupão.

Villeneuve-lès-Avignon, 2007



Flaviano Pisanelli é professor associado de Língua e Literatura Italiana na Universidade Paul Valéry de Montpellier. Membro do Centro de Pesquisa LLACS (*Lingue, Letterature, Arti e Culture dei Sud*) de Montpellier, é poeta e tradutor e publicou vários estudos críticos sobre a obra literária e cinematográfica de Pier Paolo Pasolini e sobre outros autores italianos dos séculos XX e XXI. Atualmente a sua pesquisa científica se concentra no estudo da poesia italoófona da migração. Entre as suas principais publicações, destacam-se: *Onomastique et toponymie dans Le Occasioni d'Eugenio Montale et Trasumanar e organizzare de Pier Paolo Pasolini* (Grenoble, ELLUG, 2008); *Memorie e racconti del Mediterraneo. L'emigrazione*

siciliana in Tunisia tra XIX e XX secolo, Tunis, Éditions MC, 2015. Entre os livros de poemas estão: *A peso d'aria* (2000), *Perla e argilla* (2006) e, em edição bilingue, *Erranza e dintorni / Errance et alentours* (2013).

Flaviano Pisanelli è professore associato di Lingua e Letteratura Italiana all'Università Paul Valéry di Montpellier. Membro del Centro di Ricerca LLACS (Lingue, Letterature, Arti e Culture dei Sud) di Montpellier, poeta e traduttore, ha pubblicato numerosi studi critici sull'opera letteraria e cinematografica di Pier Paolo Pasolini e su altri autori italiani del XX e XXI secolo. Attualmente la sua ricerca scientifica si focalizza sullo studio della poesia italoфона della migrazione. Tra le sue principali pubblicazioni, segnaliamo: *In poesis nomine. Onomastique et toponymie dans Le Occasioni d'Eugenio Montale et Trasumanar e organizzar de Pier Paolo Pasolini* (Grenoble, ELLUG, 2008); *Memorie e racconti del Mediterraneo. L'emigrazione siciliana in Tunisia tra XIX e XX secolo*, Tunis, Éditions MC, 2015. Tra le sue raccolte poetiche, ricordiamo: *A peso d'aria* (2000), *Perla e argilla* (2006) e, in edizione bilingue, *Erranza e dintorni / Errance et alentours* (2013).

GLADYS BASAGOITIA
DAZZA

Ammalata

Mi riportava i ricordi a fasci
la musica remota di un oboe

dalla mia finestra a Via Chiara
Assisi da lontano risplendente
al sole il Subasio ora azzurro
senza neve, millenovecentottantatotto
alla chiusa di Marzo, ore dieci, a
letto ammalata e sola con un libro

pensieri di aceto su vecchie ferite
un passero geme oscurando il sole

Doente*

Trazia-me fachos de recordações
a música remota de um oboé

da minha janela à Rua Clara
Assis ao longe reluzente
ao sol o Subásio agora azul
sem neve, mil novecentos e oitenta e oito
fins de março, às 10 horas, na
cama doente e só com um livro

pensamentos ácidos sobre velhas feridas
um pássaro geme obscurecendo o sol

* Tradução para o português de Vera Lúcia de Oliveira.

Esiliati

Benché abbiamo lavorato sodo
perché la casa sia nostra
e religiosamente più di molti
paghiamo le tasse
e non si rubi niente
abbiamo abbandonato nostra lingua
parliamo come loro – o quasi –
ancora siamo ospiti

e la fame dei luoghi dell'infanzia
ci oscura la vista feroce
pulsava nelle tempie
fa sanguinare dentro
superstiti di tanto esilio
forse un giorno
anche per noi sarà possibile
vivere non più come stranieri

Exilados*

Apesar de termos trabalhado duro
para que a casa fosse nossa
e religiosamente mais do que outros
pagarmos os impostos
sem nada roubar
termos abandonado nossa língua
falarmos como eles – ou quase –
ainda somos hóspedes

e a fome dos lugares da infância
nos escurece a vista feroz
lateja nas têmeoras
sangra dentro
sobreviventes de tanto exílio
 quem sabe um dia
também para nós será possível
não mais viver como estrangeiros

* Tradução para o português de Vera Lúcia de Oliveira.

Certi versi

Poiché sono sempre lì in agguato
m'incalzano certi versi che non cerco
esigono ritmo e forma
non ammettono rifiuti
sicuri
del proprio diritto di manifestarsi

Certos versos*

Porque estão sempre ali de tocaia
perseguem-me versos que não busco
exigem ritmo e forma
não admitem recusa
seguros
do próprio direito de existir

* Tradução para o português de Vera Lúcia de Oliveira.

Tutto mi duole

Tutto tutto mi duole:
la neve che non è più
e si offusca

la pelle del vento
che s'infrange
sopra le pietre

l'essere umano che si fa ombra
e fatalmente scompare

la voce che si spegne per sempre

Tudo dói em mim*

Tudo tudo dói em mim:
a neve que não é mais
e se turva

a pele do vento
que se rompe
sobre as pedras

o ser humano que vira sombra
e fatalmente se vai

a voz que se apaga para sempre

* Tradução para o português de Vera Lúcia de Oliveira.

Amore

Non edera attaccata al tuo corpo
né lombrico fra le tue viscere
non in simbiosi ma a te vicina

aleggiare di luce forza che ti abbraccia
ti trasmette forza e poi si allontana

Amor*

Não trepadeira grudada em teu corpo
nem lombriga em tuas vísceras
não em simbiose mas a ti próxima

pairar de luz força que te abraça
transmite força e depois se afasta

* Tradução para o português de Vera Lúcia de Oliveira.

Amante della bellezza

io non coltivo scorpioni
non cucino lenticchie avvelenate
non colleziono schegge di rabbia
mi libero dai fermenti del rancore
non nutrirò mai odio né vendetta
coltivo invece fiori di gratitudine e di
perdono amo senza condizioni né timori
sono amante della bellezza silenziosa e muta

Amante da beleza*

eu não crio escorpiões
não cozinho lentilhas envenenadas
não coleciono estilhaços de raiva
me livro dos fermentos do rancor
nunca nutrirei nem ódio nem vingança
cultivo, ao contrário, flores de gratidão e de
perdão amo sem condições nem temores
sou amante da beleza silenciosa e muda



Gladys Basagoitia Dazza nasceu no Peru, mas vive em Perugia, onde trabalhou como bióloga e oficial de saúde. Escritora bilíngue – escreve seja em espanhol seja em italiano –, já recebeu prêmios internacionais por suas obras no Peru, Itália e Brasil. Os seus poemas foram publicados em revistas e antologias na Argentina, México, Brasil, Colômbia, Nicarágua, Espanha, Portugal e Estados Unidos. Além disso, publicou 17 livros de poesia e prosa, entre os quais: *La zarza ardiendo*, Peru, 1964; *Peces ébrios* (Peru, 1969, Prêmio J. M. Arguedas, Lima – Peru); *Il fiume senza foce* (narrativa, Fara Editore, 2008); *Danza immobile*, (Fara editora, 2010); *Oceano di Luce/Océano de luz*, (Fara Editore, 2013, Prêmio Internacional Camaioire, 2014); *Aurora del renascimento* (Fara Editore, 2014); *La via del arco iris/La via dell'arcobaleno* (Fara Editore, 2015). Em 2010, foi publicada a coletânea *Radici, innesti, diramazioni*, antologia em três idiomas (português, espanhol e italiano), com poemas de sua própria autoria e também de Vera Lúcia de Oliveira. E-mail: glis91282@gmail.com.

Gladys Basagoitia Dazza, nata in Perù, vive a Perugia, dove ha lavorato a lungo come biologa e dirigente sanitario. Scrittrice bilingue, scrive sia in spagnolo che in italiano e ha ricevuto importanti premi internazionali per la sua opera in Perù, Italia e Brasile. Le sue poesie sono pubblicate in riviste e antologie in Argentina, Messico, Brasile, Colombia, Nicaragua, Spagna, Portogallo e Stati Uniti. Ha pubblicato 17 libri fra poesia e prosa, fra i quali: *La zarza ardiendo*, Perù, 1964; *Peces ebrios*, (Perù, 1969, Premio J.M. Arguedas Lima – Perù); *Il fiume senza foce* (narrativa, Fara Editore, 2008); *Danza immobile* (Fara editore, 2010); *Oceano di luce / Océano di luz* (Fara Editore, 2013, Premio Internazionale Camaioire, 2014); *Aurora del rinascere* (Fara Editore, 2014); *La via del arco iris / La via dell'arcobaleno* (Fara Editore, 2015). Nel 2010 è uscita la raccolta *Radici, innesti, diramazioni*, un'antologia trilingue (portoghese, spagnolo e italiano), con poesie sue e di Vera Lúcia de Oliveira. E-mail: glis91282@gmail.com

* Tradução para o português de Claudia V. Lopes.

HELENO GODOY

Autorretrato

Insistência em não submergir,
resistência a qualquer clima,
preferência por extremos.

Tenho sido assim: o peso
que peso, a altura que meço,
larguras que circun(e)screvo
entre minhas idas e voltas.

Não retorno por caminhos
curtos – desculpas existem,
podem ser postas em prática:
quando muito, silêncio quando
menos quero, se existem escolhas;
falo mais quando não permitem
– e me deixam sem escolhas.

Levo e velo a vida que quero,
por ter encontrado regras,
quando cá cheguei; não violo
normas, no entanto, se me pedem
gentilmente com um ‘por favor’.

Se já escolhi caminhos errados,
sempre sei aonde não quero ir;
prefiro evitar amigos a construir
adeptos – sou muito constante
quando trato de ódio; vulnerável,
quando acho que o que é amor
perdura.

Assim, raramente me protejo,
e ando cheio de cicatrizes.

(Do livro *Lugar comum e outros poemas*, 2005)

Autoritratto*

Insistenza nel non sommergere,
resistenza a qualunque clima,
preferenza per gli estremi.

Da un po' sono così: il peso
che peso, l'altezza che misuro,
larghezze che circun(-)scrivo
fra le mie andate e i ritorni.

Non ritorno sui sentieri
brevi – scuse ce ne sono,
possono essere messe in pratica:
se tanto, silenzio quando
meno lo voglio, se ci sono scelte;
parlo di più quando non lo permettono
– e mi lasciano senza scelte.

Porto e veglio la vita che voglio,
per aver trovato le regole,
quando qua arrivai; non violo
le norme, però, se me lo chiedono
gentilmente con un “per favore”.

Se ho già scelto strade sbagliate,
so sempre dove non voglio andare,
preferisco evitare amici a costruire
adepti – sono molto costante
quando tratto sull'odio; vulnerabile,
quando trovo che ciò che è amore
perdura.

Così, raramente mi proteggo
e giro pieno di cicatrici.

(Do livro *Lugar comum e outros poemas*, 2005)

* Traduções para o italiano de Margareth Nunes.

O Espelho

Diante de um espelho não se põe
um sujeito, mas uma linguagem.

Nele não se articula um rosto,
mas uma fala comprometida.

O espelho não é, pois, inocente,
reflete o abismo de uma ousadia,

o jogo narcísico de uma mentira,
a ânsia de uma farsa, o medo

de uma falha, o fio branco de um
engodo recente ou centenário,

e o medo, na própria articulação
de suas angústias irresolvidas.

(Do livro *Trímeros – Livros de Odes*, 1993)

Lo Specchio

Davanti ad uno specchio non si mette
un soggetto, ma un linguaggio.

In esso non si articola un viso,
ma un discorso compromesso.

Lo specchio non è, dunque, innocente,
riflette l'abisso di un'audacia,

il gioco narcisico di una bugia,
l'ansia di una farsa, la paura

di un fallimento, il filo bianco di un
inganno recente oppure centenario,

e la paura, nella stessa articolazione
delle sue angosce irrisolte.

(Dal libro *Trímeros – Livros de Odes*, 1993)

EXPOSTO A SI MESMO NA CASA VAZIA,

ele não sabe de si ou de quem é
que pode vir a ser ou o que fazer
esta noite em que se acha só.

Nem é sempre que ele se acha frente
a frente, entregue ao sono sem tê-lo,
consigo mesmo só, imaginando
o que fazem sem ele, como estão.

Raiva talvez, quem pode garantir
que não verta uma lágrima só
ou várias, enquanto a noite aumenta
e lhe sobra a sensação de estar nu,
como folha de papel separada
para uso posterior e esquecida?

(Do livro *A casa*, 1992)

ESPOSTO A SE STESSO NELLA CASA VUOTA,

lui non sa di sé o di chi è o cosa può
diventare oppure ciò che può fare
in questa sera un cui si trova solo.
Non è sempre che lui si trova faccia
a faccia, propenso al sonno senza averlo,
con sé stesso solo, immaginando ciò
che fanno senza di lui, come stanno.
Rabbia forse, chi può garantire
che non cadrà una sola lacrima
oppure varie, mentre la notte aumenta
e gli rimane la sensazione di essere nudo,
come foglio di carta messo da parte
per uso posteriore e dimenticato?

(Dal libro *A casa*, 1992)

POIS COMO SE VIRAM JÁ NÃO IMPORTA

os mistérios, lembranças ou mentiras
nenhuma geografia já os comporta

que se sonhou também já não aporta
em lírios lemes, velas alvas miras
pois como se viram já não importa

assim como se sonhou, se é que importa
ventre teias, telas ou pele em tiras
nenhuma geografia já os comporta

como o sentiram, hoje o que transporta
os fatos distâncias, sebe mentiras
pois como se viram já não importa

só sentir, e o sentir hoje os conforta
pois que, raízes exumadas iras
nenhuma geografia já os comporta

quanto supôs-se, e o que fosse porta
nem é o que não os abrisse, fogo em piras
pois como se viram já não importa
nenhuma geografia já os comporta

(Do livro *fábula fingida*, 1985)

POICHÉ SI VIDERO ORMAI NON IMPORTA

i misteri, ricordi oppure balle
nessuna geografia ormai li comporta

che si sognò neppure non apporta
sui gigli timoni, miri bianche vele
poiché si videro ormai non importa

così come si sognò, se è che importa
grembo telaio, tele oppure ritagli di pelle
nessuna geografia ormai li comporta

come si sentirono, oggi ciò che trasporta
i fatti distanze, recinti balle
poiché si videro ormai non importa

solo sentire, e il sentire oggi li conforta
poiché, radici riesumate ire
nessuna geografia ormai li comporta

quanto si suppose, e ciò che fosse porta
neppure è ciò che non li aprisse, fuoco nelle pire
poiché si videro ormai non importa
nessuna geografia ormai li comporta

(Dal libro *fábula fingida*, 1985)



Helene Godoy é graduado em letras pela PUC–GO, onde lecionou de 1976 a 2008. Professor titular na Faculdade de Letras da UFG desde 1990, aposentou-se em 2015, mas ainda é docente na Pós-Graduação. Fez o mestrado na *University of Tulsa* (Oklahoma, USA) e o doutorado na Universidade de São Paulo. Já publicou: *Os veículos* (poesia-práxis, 1968), *As lesmas* (romance, 1969), *Relações* (narrativas, 1981), *fábula fingida* (poesia, 1985), *A casa* (poesia, 1992), *Trímeros* (poesia, 1993), *O amante de Londres* (contos, 1996), *A feia da tarde e outros contos* (1999), *A ordem da inscrição* (poesia, 2004), *Lugar comum e outros poemas* (2005), *Sob a pele* (poesia, 2007); livros de ensaios: *Leituras de ficção e outras leituras* (2011) e *Leituras de poesia e outras leituras* (2012). Em 2015 lançou *Inventário – Poesia reunida, inéditos e dispersos* (1963–2015).

Heleno Godoy si è laureato in lettere presso la PUC–GO, dove ha insegnato dal 1976 al 2008. Professore ordinario nella Facoltà di Lettere dell'UFG dal 1990, si è pensionato nel 2015 ma ancora insegna nei corsi di postlaurea. Ha conseguito il diploma di master presso l'University of Tulsa (Oklahoma, Stati Uniti d'America) e un dottorato presso l'Università di San Paolo. Ha pubblicato: *Os veículos* (poesia-práxis, 1968), *As lesmas* (romanzo, 1969), *Relações* (narrative, 1981), *fábula fingida* (poesia, 1985), *A casa* (poesia, 1992), *Trímeros* (poesia, 1993), *O amante de Londres* (racconti, 1996), *A feia da tarde e outros contos* (1999), *A ordem da inscrição* (poesia, 2004), *Lugar comum e outros poemas* (2005), *Sob a pele* (poesia, 2007); *Libri di saggi: Leituras de ficção e outras leituras* (2011) e *Leituras de poesia e outras leituras* (2012). Nel 2015 ha pubblicato *Inventário – Poesia reunida, inéditos e dispersos* (1963–2015).

ÍTALO MORICONI

Quatro elegias

Santuza Naves

(em memória)

Porque o fardo lhe parecia tão leve
um sangue adocicado nos percorreu,
cérebro célere –
como este terço de vida: a vida mesma.
Um riso aberto, os dramas íntimos, cabelo
espesso que voa, e foi,
cabraia navegadora,
nossas felizes bebedeiras cantantes.
Este teu silêncio esculpido
é parapeito sobre uma nova era.

Santuza Naves*

(in memoria)

Perché il fardello le sembrava così lieve
un sangue addolcito ci percorse,
cerebro celere –
come questo terzo di vita: la vita stessa.
Un sorriso aperto, i drammi intimi, capelli
folti che volano, e fu,
cambri navigante,
le nostre felici sborneie cantate.
Questo tuo silenzio scolpito
è un parapetto sopra una nuova era.

* Traduções para o italiano de Emma de Luca.

Assis

(em memória de Donizete Galvão)

para Vera Lúcia de Oliveira

Haverá uma beleza no desconsolo, no abandono.
O seco esfarelar-se do pão dormido
na boca ácida, à beira da sarjeta, no
plano invisível
do meio-fio.

“Trata-se apenas de um bêbado numa esquina.”
Oh andrajos do homem santo
que cuspiu formigas e blasfemava com as unhas.
Suas unhas eram flautas sujas,
um Hamelin de cabelo bom bril
esgueirando-se pelas pistas da Marginal,
seguido pelos ratos gordos.
E as fileiras indiferentes
de faróis no anoitecer, bruma de luz,
rumor-amor indistinto.

Assisi

(in memoria di Donizete Galvão)

per Vera Lúcia de Oliveira

Ci sarà una bellezza nello sconforto, nell'abbandono.
Il secco sbriciolarsi del pane rafferma
nella bocca acida, sull'orlo del baratro, sul
piano invisibile
del ciglio della strada.

“Si tratta solo di un ubriaco ad un angolo.”
Oh stracci dell'uomo santo
che sputava formiche e bestemmiava con le unghie.
Le sue unghie erano flauti sporchi,
pifferaio Hamelin con capelli di pagliette d'acciaio
svignandosela per le corsie della Marginal,
seguito da topi grassi.
E le schiere indifferenti
di fanali all'imbrunire, foschia di luce,
rumor-amor indistinto.

Pier Paolo (revisitado)

Ah, curva de um músculo.
Talhar o ragazzo transcendental
Em cada face imperfeita
Bloco branco e rude
Como os conjuntos residenciais
De um rosa desbotado, de um ocre imemorial,
Sob a luz de magnésio, no céu baldio.
Há milhares de estrelas lá no alto, olham?
Não, já não olham.
Deixar o gesto planar, num arabesco,
Pecorrer mais este ciclo lunar
Agora teus punhos, teus pneus, tua faca fria
Meu assassino terá que ser você
Para que possa outro exemplado
Fazer justiça a tanta vitória
Tanto sangue misturado.
Ah, carne, fome de forma,
Neste sítio preciso
Entre cacos, latas, detritos
Terá que ser aqui e agora
Tanto som misturado
Tanto sangue que rola
Todo esse descuido
E a maresia

(1ª. Versão *in Quase sertão*, 1996)

Pier Paolo (rivisitato)

Ah, curva di un muscolo.
Scolpire il ragazzo trascendentale
Su ciascun lato imperfetto
Blocco bianco e ruvido
Come i complessi residenziali
Di un rosa slavato, di un ocre indefinito,
Sotto la luce di magnesio, nel cielo abbandonato.
Ci sono migliaia di stelle lassù in alto, le guardano?
No, non le guardano più.
Lasciare il gesto librarsi, in un arabesco,
Percorrere ancora questo ciclo lunare
Adesso i tuoi pugni, i tuoi pneumatici, la tua lama fredda
Il mio assassino dovrai essere tu
Perché possa un altro esempio di condanna
Fare giustizia a tanta vittoria
Tanto sangue misturato.
Ah, carne, fame di forma,
In questo luogo preciso
Tra cocci, lattine, detriti
Dovrà essere qui e adesso
Tanto suon misturato
Tanto sangue riverso
Tutta questa incuria
E la mareggiata.

(1ª. Versione in *Quasi sertão*, 1996)

À sombra da árvore

O vento apaga e empurra para o abismo
Mario Faustino

Guardaria, guardará, guardara
este segredo como um túmulo.

Foi sob um imaginário plátano que o corpo do pai –
terra oca, o ilimitado do pó.

Á beira do fim, cicio.
Luz e treva, vento e vulcão.

(Filho, te apossa do que não pode ser transferido a mais ninguém.)
Teu nome não é teu, teu nome é todo teu.

Boca se fecha a sete chaves,
cheia de flores, cheia de insetos, larvas.

(1ª. versão em *Quase sertão*, 1996)

All'ombra dell'albero

Il vento spegne e spinge verso l'abisso
Mario Faustino

Conserverebbe, conserverà, aveva conservato
questo segreto come un tumulo.

Fu sotto un immaginario platano che il corpo del padre –
terra vuota, l'illimitato della polvere.

Sull'orlo della fine, sussurro.
Luce e tenebra, vento e vulcano.

(Figlio, impossessati di ciò che non può essere trasmesso a nessun altro.)
Il tuo nome non è tuo, il tuo nome è tutto tuo.

La bocca si chiude a sette chiavi,
piena di fiori, piena di insetti, larve.

(1^a. versione in *Quasi sertão*, 1996)



Ítalo Moriconi è poeta, crítico, professor de Literatura Brasileira na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Doutor em Letras pela PUC-Rio com Pós-Doutorado em Comunicação pela UFRJ. Autor de antologias de prosa e poesia de grande circulação no Brasil. Em 2016 será editada uma segunda edição de seu perfil biográfico sobre a poeta carioca Ana Cristina Cesar: *Ana Cristina Cesar – O sangue de uma poeta*. Organizou um volume de *Cartas de Caio Fernando Abreu*. Quando editor executivo da Editora da UERJ (2008–2015), criou a *Coleção Ciranda da Poesia*, que ainda coordena, formada por pequenos estudos críticos e miniantologias sobre poetas contemporâneos.

Ítalo Moriconi è poeta, critico, professore di letteratura brasiliana presso l'Università degli Studi dello Stato di Rio de Janeiro (UERJ). Possiede un titolo di dottore in Lettere conseguito presso la PUC-Rio con post dottorato in Comunicazione presso la UERJ. È autore di antologie di prosa e poesia di grande diffusione in Brasile. Quest'anno uscirà la seconda edizione della biografia da lui scritta sulla poetessa carioca *Ana Cristina Cesar: Ana Cristina Cesar – O Sangue de uma poeta*. Ha curato un volume di *Lettere di Carlo Fernando Abreu*. Quando ha ricoperto l'incarico di editore esecutivo della casa editrice dell'UERJ (2008-2015) ha creato la *Collezione Ciranda da Poesia*, che tutt'ora coordina, composta da piccoli studi critici e miniantologie su poeti contemporanei.

JOSÉ EDUARDO DEGRAZIA

A nitidez das coisas

No silêncio da casa, quando as madeiras estalam,
espero o movimento da engrenagem do tempo,
a manifestação evidente da máquina do mundo,
as pás do moinho moendo a farinha dos dias,
os dentes trincando a pele da feroz existência,
o rolar dos minutos no relógio náufrago da manhã,
o zumbido da mosca contra sua imagem no vidro.

No silêncio da casa, quando estremecem os móveis
e trepidam os eletrodomésticos nas redomas de vidro,
zunindo em uníssono cantochão entre as moedas
nítidas do sol e as moendas trituradoras de emoções,
a polia que range a palavra contra a indiferença,
o destino dos pratos e talheres prisioneiros, lentamente
desfazendo-se em barro e mortal ferrugem.

As coisas morrem sem pânico enquanto olhamos
distráídos o vento que levanta as cortinas da sala.

Só as coisas são nítidas e têm alma, e acreditam
na vida eterna.

La nitidezza delle cose*

Nel silenzio di casa, quando il legno scricchiola,
aspetto i movimenti degli ingranaggi del tempo,
la manifestazione evidente della macchina del mondo,
le pale del mulino che macinano la farina dei giorni,
i denti che recidono la pelle della feroce esistenza,
lo scorrere dei minuti dell'orologio naufrago del domani,
il ronzo della mosca contro la sua immagine nel vetro.

Nel silenzio di casa, quando tremano i mobili
e oscillano gli elettrodomestici nel riflesso del vetro,
stridendo in un coro liturgico tra le monete
nitide sotto il sole e le pale che tritano emozioni,
e la puleggia che bisbiglia parole contro l'indifferenza,
il destino delle posate e piatti prigionieri, lentamente
si disfano in argilla e ruggine mortale.

Le cose muoiono senza panico mentre guardiamo
distratti il vento che solleva le tende della stanza.

Soltanto le cose sono nitide e hanno un'anima, e credono
nella vita eterna.

* Tradução para o italiano de Iris Faion.

A mesa da família

Madeira crestada de tempo.
Resina impregnada de tempo.
Assim a mesa e a família reunida,
e os riscos de faca no cerne da madeira,
e o vinho derramado, a mancha,
o sal, a lágrima, sol na madeira.
A mão que alisou o sulco, o veio,
a mão gretada de tempo: madeira.
Árvore noturna caída, pelo machado abatida,
árvore de tempo plantada.
À volta da mesa, sentados, o pai
a mãe, os filhos: álbum de retratos.
A mesa permanece no meio da sala:
o mais: sombras.

Il tavolo della famiglia*

Legno invecchiato dal tempo.
Resina impregnata di tempo.
Così il tavolo e la famiglia riunita,
e i rischi del coltello nella carne del legno,
e il vino versato, la macchia,
il sale, la lacrima, sole sul legno.
La mano che levigò il solco, la vena,
la mano graffiata dal tempo: legno.
Albero notturno caduto, abbattuto dall'ascia,
albero piantato dal tempo.
Seduti attorno al tavolo, il padre,
la madre, i figli: album di ritratti.
Il tavolo rimane in mezzo alla stanza:
o di più: ombre.

* Tradução para o italiano de Iris Faion.

Chuva antiga

A chuva escreve
hieróglifos
na janela
do ônibus.
Cada pingó
traça um sonho
cada sonho respinga
uma saudade
e desenha um rosto
na paisagem
que passa.
A chuva termina
o sonho acaba
e o ônibus vai embora
sem se importar
com teu rosto
e com meu sonho.

Pioggia antica*

La pioggia scrive
geroglifici
sul finestrino
dell'autobus.
Ogni goccia
traccia un sogno
ogni sogno allontana
una nostalgia
e disegna un volto
nel paesaggio
che scorre.
La pioggia cessa
il sogno finisce
e l'autobus se ne va
e non gliene importa
del tuo viso
e del mio sogno.

* Tradução para o italiano de Iris Faion.

Silêncio

Não penses que este silêncio
é simples ausência de vozes,

há o espanto da flor nascendo
abismo de pássaro noturno

riscando o espelho furtivo da memória.
(O silêncio é semente de algo mais antigo.)

No silêncio a vivência adelgaça
uma realidade de fruto.

Não penses que este silêncio
é simples ausência de vozes.

Silenzio*

Non pensare che questo silenzio
sia semplice assenza di voci,

c'è lo stupore del fiore che sboccia,
abisso di passero notturno

che graffia furtivo lo specchio della memoria.
(Il silenzio è il seme di qualcosa di più antico.)

Nel silenzio l'esistenza assottiglia
una realtà di frutto.

Non pensare che questo silenzio
sia semplice assenza di voci.

* Tradução para o italiano de Gaetano Longo.

Naufração

Para Guilhermino Cesar

O meu castelo
é o mar aberto
praias de areia branca.

Sou amante
de sereias
afogadas.

Faço meu jardim
de algas, anêmonas
e quimeras.

Vivo entre ameias
de cascos afundados
e arcas de tesouro.

Sou o que ficou
do meu próprio naufrágio.

Naufragio*

Per Guilhermino Cesar

Il mio castello
è il mare aperto
spiagge di sabbia bianca.

Sono amante
di sirene
affogate.

Costruisco il mio giardino
con alghe, anemone
e chimere.

Vivo fra parapetti
di chiglie affondate
e arche del tesoro.

Sono ciò che rimane
del mio naufragio.

* Tradução para o italiano de Gaetano Longo.

O caminho inviolável

Nem todos somos maus.
Há em alguns uma certa ternura.
Noutros uma maneira especial de sorrir.
Nos cumprimentamos corteses na rua,
apertos de mãos macios, leve mover de lábios.
E continuamos o caminho inviolável.

Il cammino inviolabile*

Non siamo tutti cattivi.
In alcuni c'è una certa tenerezza.
In altri, un modo speciale di sorridere.
Ci salutiamo cortesemente per la strada,
aperti con mani morbide, lieve movimento di labbra.
E continuiamo soli il cammino inviolabile.



José Eduardo Degrazia nasceu em Porto Alegre em 1951. É médico oftalmologista. Como escritor, publicou 19 livros, nos gêneros contos, poesia, novela e infanto-juvenil; entre os quais *Lavra permanente*, poesia, 1975; *Cidade submersa*, poesia, 1979; *A urna guarani*, poesia, 2004; *Corpo do Brasil*, poesia, 2011; *A flor fugaz*, poesia, 2011; *O atleta recordista*, contos, 1996; *A orelha do bugre*, contos, 1998; *A terra sem males*, contos; *O reino de macambira*, novela, 2005; *A fabulosa viagem do mel de lechiguana*, novela, 2008; *A caturrita cocota*, infanto-juvenil, 1991; *Gato e sapato*, infanto-juvenil, 1997. Como tradutor do espanhol e do italiano, publicou 14 livros, entre eles 7 de Pablo Neruda. Entre os principais prêmios recebidos, citam-se: Prêmio do Biênio da Colonização e Imigração com *Lavra Permanente*, 1974; Prêmio de Conto da Revista Status, 1978; Prêmio de teatro do SNT com a peça *A Casa dos Impossíveis*, 1975; Melhor trabalho de Oftalmologia do Simpósio de Oftalmologia da SORIGS; Prêmio O Sul de melhor tradução – 2006, com livros de Pablo Neruda; Prêmio Livro do Ano da Associação Gaúcha de Escritores, com a Novela *O Reino de Macambira*, 2006; Prêmio da Academia Internacional Mihai Eminescu da Romênia para a Obra em prosa, 2012; Prêmio Internacional de Poesia de Trieste de 2013; Prêmio da União de Escritores da Moldávia, 2015.

José Eduardo Degrazia è nato a Porto Alegre, Brasile, nel 1951. È medico oftalmologo. Come scrittore, ha pubblicato 19 libri, nei generi racconti, poesia, romanzo e letteratura per bambini, fra i quali *Lavra permanente*, poesia, 1975; *Cidade submersa*, poesia, 1979; *A urna guarani*, poesia, 2004; *Corpo do Brasil*, poesia, 2011; *A flor fugaz*, poesia, 2011; *O atleta recordista*, contos, 1996; *A orelha do bugre*, contos, 1998; *A terra sem males*, contos; *O reino de macambira*, novela, 2005; *A fabulosa viagem do mel de lechiguana*, novela, 2008; *A caturrita cocota*, infanto-juvenil, 1991; *Gato e sapato*, infando-juvenil, 1997. Come traduttore dallo spagnolo e dall'italiano, há publicado 14 livros, fra i quali 7 sono de Pablo Neruda. Ha ricevuto diversi premi e fra i principali citiamo: Prêmio do Biênio da Colonização e Imigração, con *Lavra Permanente*, 1974; Prêmio de Conto da Revista Status, 1978; Prêmio de teatro do SNT, com *A Casa dos Impossíveis*, 1975; Premio “Melhor trabalho de Oftalmologia” del Convegno di Oftalmologia della SORIGS; Premio “O Sul de melhor tradução – 2006”, per i libri di Pablo Neruda che ha tradotto; Premio “Livro do Ano” dell’Associação Gaúcha de Escritores, com il romanzo *O Reino de Macambira*, 2006; Prêmio dell’Accademia Internazionale Mihai Eminescu da Romênia per la sua opera in prosa, 2012; “Premio Internazionale di Poesia di Trieste, 2013; “Prêmio da União de Escritores da Moldávia”, 2015.

* Tradução para o italiano de Gaetano Longo.

LUIZ RUFFATO

Os mortos vivos

1. A mãe

Minha mãe sepultou as parcas alegrias
em uma lata colorida de biscoitos,
que diziam de origem dinamarquesa:
três filhos que vingaram, um que não,
sombria matemática de outros tempos;
a água fresca da mina em seu rosto;
uma viagem de carro à praia longínqua,
quando enfim estabeleceu dessemelhanças
entre areia e ondas, entre ruínas e posse;
o mugido de vacas tangendo a alvorada;
um cachorro de nome Peri, outro, Veludo;
vizinhas engraçadas, vizinhas sisudas;
a comadre que se foi para São Paulo.

Suas mãos queimadas de água-sanitária
jamais colecionaram retratos ou sorrisos.
Guardavam imagens, que se extraviaram
incendiando as nuvens desta tarde clara,
que a tudo ignora, eterna em seu mutismo.

I morti viventi

1. La madre

Mia madre seppellì le parche allegrie
in una scatola colorata di biscotti,
che ritenevano di origine danese:
tre figli che misero radici, uno no,
oscura matematica di altri tempi;
l'acqua fresca della sorgente sul suo volto;
un viaggio in macchina verso la spiaggia remota,
quando finalmente stabili dissomiglianze
tra sabbia e onde, tra rovine e sostanze;
il muggito delle giovenche che annunciava l'alba;
un cane di nome Perì, un altro, Velluto;
vicine spiritose, vicine austere;
la comare che se ne andò a San Paolo.

Le sue mani ustionate dalla candeggina
non collezionarono mai ritratti o sorrisi.
Custodivano immagini, che si smarrirono
incendiando le nuvole di questo pomeriggio limpido,
che tutto ignora, eterno nel suo mutismo.

* Traduções para o italiano de Emma de Luca.

2. O pai

Nasceu meu pai do ar e com os ventos se criou.
Foi tempestade, aragem, borrasca, placidez, estio.
Ninguém o ouvia, sua voz rouca pregava o livro santo
para insetos e pássaros que inundavam as matas
calcinadas da minha infância mais que obscura.

Seus passos miúdos vasculhavam a cidade
e, às horas mortas, exausto, compreendia
a invisibilidade de seu corpo inútil e vazio.

2. Il Padre

Nacque mio padre dall'aria e con il vento crebbe.
Fu tempesta, brezza, burrasca, bonaccia, estate.
Nessuno lo sentiva, la sua voce rauca recitava il libro santo
agli insetti e agli augelli che invadevano i boschi
calcificati della mia infanzia più che oscura.

I suoi passi minuti perlustravano la città
e, nelle ore morte, esausto, comprendeva
l'invisibilità del suo corpo inutile e vuoto.

3. O irmão

O rádio chovia a noite toda ondas curtas
que meu irmão insone sintonizava.
As estrelas chuleadas no azul escuro
fascinavam bocas cobiçosas de idades.
Ronronavam as horas quietas em seu colo
e formigas escalavam a parede pacientes
carreando fragmentos de conversas do quintal.

Meu irmão acreditava em galinhas e alfaces,
e mantinha, sob a cama, agrilhado,
um deus feroz, vingativo e rancoroso.
Ignorava relógios e ampulhetas, imerso
o corpo nas águas límpidas do presente.

Por inveja, ciúme ou ingratidão, explodiu
numa cinzelada manhã de gatos baldios,
cicatrices a envenenar estes dias vulgares
que se abatem como látigos em meu dorso.

3. Il fratello

La radio pioveva tutta la notte onde corte
che mio fratello insonne sintonizzava.
Le stelle sopraffilate sull'azzurro scuro
incantavano labbra bramose di età.
Ronfavano le ore quiete al suo petto
e formiche scalavano la parete pazienti
trasportando frammenti di conversazioni del giardino.

Mio fratello credeva in galline e lattughe,
e manteneva, sotto il letto, soggiogato,
un dio feroce, vendicativo e rancoroso.
Ignorava orologi e clessidre, immerso
il corpo nell'acque limpide del presente.

Per invidia, gelosia o ingratitudine, esplose
in una scolpita mattina di gatti abbandonati,
cicatrici che avvelenano questi giorni volgari
che si abbattono come flagelli sul mio dorso.

4. A avó

Amortalhada em seu quarto, minha avó enxaguava
os longos cabelos grisalhos em bacias de estanho,
aspirando com sofreguidão o fim inevitável.
Mirava-me perplexa, como se eu, e não ela, o fantasma,
murmurando sentenças a ninguém mais compreensíveis.
Seu corpo frágil desconhecia sombra e, secretamente,
cultivava antúrios, margaridas e rosas de plástico.
Nas madrugadas, excomungava os pesadelos,
agarrando-se a rosários, fiando promessas incumpridas.

Nunca conheceu a felicidade, minha avó, e a alegria,
substantiva, acariciou-a certa feita, quando, inerte,
na cama, primavera entrada, balbuciou o nome
daquele pássaro que, erradio, debatia-se com vigor
contra as paredes e as telhas que o asfixiavam.

4. La nonna

Ritirata nella sua stanza, mia nonna sciacquava
i lunghi capelli brizzolati in catini di stagno,
aspirando con affanno il fine inevitabile.
Mi osservava perplessa, come se io, e non lei, il fantasma,
stessi mormorando sentenze a nessuno più comprensibili.
Il suo corpo fragile ignorava l'ombra e, segretamente,
coltivava anturi, margherite e rose di plastica.
Alle albe scomunicava gli incubi,
aggrappandosi ai rosari, confidando in promesse inadempite.

Mai conobbe la felicità, mia nonna, e l'allegria,
sostanziale, l'accarezzò una volta, quando, inerte,
nel letto, primavera inoltrata, balbettò il nome
di quel passero che, smarrito, si dibatteva con vigore
contro le pareti e le tegole che lo asfissiavano.



Luiz Ruffato é autor de *Eles eram muitos cavalos* (2001, Prêmio APCA e Prêmio Machado de Assis), *De mim já nem se lembra* (2006), *Estive em Lisboa e lembrei de você* (2009), *Flores artificiais* (2014) e do projeto *Inferno Provisório*, composto por cinco volumes: *Mamma, son tanto felice* (2005, Prêmio APCA), *O mundo inimigo* (2005, Prêmio APCA), *Vista parcial da noite* (2006, Prêmio Jabuti), *O livro das impossibilidades* (2008) e *Domingos sem Deus* (2011, Prêmio Casa de las Américas), todos romances. Além disso, lançou *As máscaras singulares* (poemas, 2002), *Minha primeira vez* (crônicas, 2014) e *A história verdadeira do Sapo Luiz* (infantil, 2014, Prêmio Jabuti). Seus livros estão publicados na Alemanha, França, Itália, Portugal, Finlândia, Macedônia, Estados Unidos, Argentina, Colômbia, México e Cuba. Foi escritor-residente na universidade de Berkeley (EUA), é consultor do Instituto Itaú Cultural e escreve uma coluna semanal na edição Brasil do jornal *El País*.

Luis Ruffato è autore di *Eles eram muitos cavalos* (2001, Prêmio APCA e Prêmio Machado de Assis), *De mim já nem se lembra* (2006), *Estive em Lisboa e lembrei de você* (2009), *Flores artificiais* (2014) e del progetto *Inferno Provisório*, composto da cinque volumi: *Mamma, son tanto felice* (2005, Prêmio APCA), *O mundo inimigo* (2005, Prêmio APCA), *Vista parcial da noite* (2006, Prêmio Jabuti), *O livro das impossibilidades* (2008) e *Domingos sem Deus* (2011, Prêmio Casa de las Américas). Ha scritto letteratura per ragazzi: *As máscaras singulares* (poemas, 2002), *Minha primeira vez* (crônicas, 2014) e *A história verdadeira do Sapo Luiz* (infantil, 2014, Prêmio Jabuti). È tradotto in Germania, Francia, Italia, Finlandia, Macedonia, Stati Uniti, Argentina, Colombia, Messico e Cuba e pubblicato in Portogallo. È stato scrittore residente dell'Università di Berkeley (USA), è consulente dell'Istituto Itaú Cultural e scrive una rubrica settimanale nell'edizione brasiliana di *El País*.

MARTHA CANFIELD

Venezia dorme nella nebbia

Come il ventre piatto dell'acqua
orizzontale vasto
la nebbia si confonde col respiro
mentre insensibilmente
l'idea del confine si trascina
nell'ambito del sogno.

I pali che si scorgono più vicini alla riva
rassicurano l'animo con il numero tre.

Frequentata da anitre e gabbiani
questa laguna familiare e placida
al suo centro nasconde un cimitero
e avvolta dalla nebbia acquista il volto
severo e impassibile dell'oltre.

Raccolta su me stessa mi raggiunge
l'eco di un canto, forse una preghiera,
e al di là della bruma
indovino uno squarcio di azzurro.

Attraverso l'inaspettato varco
evapora la grazia millenaria
della città dormente.

Veneza dorme na névoa*

Como o ventre liso da água
horizontal vasto
a névoa confunde-se com a respiração
enquanto insensivelmente
a ideia da fronteira arrasta-se
no âmbito do sonho.

Os postes que se avistam mais perto da margem
afagam a alma com o número três.

Frequentada por patos e gaivotas
esta lagoa familiar e plácida
no seu centro esconde um cemitério
e envolta na névoa adquire o rosto
severo e impassível do além.

Encolhida em mim mesma alcança-me
o eco de um canto, talvez uma reza,
e além da bruma
adivinho uma fresta de azul.

Através do inesperado varco
evapora a graça milenária
da cidade dormente.

* Traduções para o português de Marco Bucaioni.

Atto di lettura

Per Álvaro Mutis

Ogni parola possiede la sua retta segreta
e il suo profumo.
Avanzo fra le righe
guidata da un mio senso
che nasce col respiro.
All'erta e tutta irta
fra l'una e l'altra linea
di un capoverso
– in verità una strofa –
vado.
Cime vertiginose
dove il cielo sospeso mi trascina
nel basso senza fine.
Capisco il tuo messaggio ma proseguo.
E in un punto di luce
come una retta muta e profumata
incontro la parola dietro le tue parole.
Mi accendo e mi abbandono.
Ti tocco e non ti sento.
Ti sento e non distinguo
il tuo perimetro verbale e verosimile.
Sento la spada del tuo verbo oscuro.
L'ambito indefinito
di questo appuntamento
a un tratto a fior di pelle si rivela:
ferita penetrata
in te per te goduta
in una trasformata
in quello spazio tuo
che il tuo discorrere mi dona.

Ato de leitura

A Álvaro Mutis

Cada palavra possui a sua reta secreta
e o seu perfume.
Avanço entre as linhas
guiada por um sentido meu
que nasce com a respiração.
Alerta e toda erguida
entre uma linha e a outra
de um parágrafo
– na realidade, uma estrofe –
vou.
Cumes vertiginosos
onde o céu suspenso me arrasta
para baixo sem fim.
Compreendo a tua mensagem mas prossigo,
e num ponto de luz
como numa reta muda e perfumada
encontro a palavra atrás das tuas palavras.
Acendo-me e abandono-me
toco-te e não te sinto.
Sinto-te e não distingo
o teu perímetro verbal e verossímil.
Sinto a tua espada do teu verbo obscuro.
O âmbito indefinido
deste encontro
subitamente à flor da pele revela-se:
ferida penetrada
em ti por ti gozada
em uma transformada
naquele espaço teu
que o teu falar me outorga.

Il mare in Portogallo

A Piero Ceccucci

Nel modo in cui la materia mobile
della memoria insonne
si solleva nei ricordi
 casuali
 involontari
magari con un ordine segreto
 che nessuno conosce
e innalza le sue creste bianche
 con le fragili spume
 di fugace bellezza
 transitoria
ma tuttavia riesce
ad abbracciare l'aria che la ospita
e un istante la regge
prima che in un punto si sciolga
 tra volo e suolo
 di sabbia smemorata
e si diffonda
 e si disperda
 e si ritiri
per i pori profondi della terra
laggiù di nuovo ancora
fino agli strati ultimi
 della vertigine del mare
dove il mare infine sussiegoso
non sospeso ma calmo
con prodigiosa lentezza viene
a trasformare millenni di luce
in vita trasparente
la luce nella vita luminosa
senza nulla temere né sperare
ma con la sicurezza
che tornerà a sollevarsi un giorno
quale cuspide d'acqua incoronata

nell'istante felice
di irrompere in ricordo inaspettato
sulla piana del mare orizzontale
per disgregarsi infine
nella nuova e fugace leggiadria
fatta di spuma e subito disfatta
in aria
in luce
in bianca sabbia sparsa.

O mar em Portugal

A Piero Ceccucci

Da forma em que a matéria móvel
da memória insone
se eleva na recordação
 casual
 involuntária
quicá com uma ordem secreta
 que ninguém conhece
e eleva as suas cristas brancas
 com as frágeis espumas
 de fugaz beleza
 transitória
mas todavia consegue
abraçar o ar que a hospeda
e um instante a rege
antes que num ponto se derreta
 entre voo e chão
 de areia desmemorada
e alastre
 e se espalhe
 e se retire
pelos poros profundos da terra
lá em baixo ainda uma vez
até às camadas últimas
 da vertigem do mar
onde o mar enfim sossegado
não suspenso, mal calmo
com prodigiosa lentidão vem
transformar milênios de luz
em vida transparente
a luz na vida luminosa
sem nada recear nem esperar
mas com a segurança
de que voltará a erguer-se um dia
como cúspide de água encoronada

No instante feliz

de irromper em recordação inesperada
em cima da planície do mar horizontal
para desfazer-se enfim
na nova e fugaz leveza
feita de espuma e logo desfeita
 em ar
 em luz
 em branca areia solta.

Arco e freccia

Adesso il nome non importa
l'immagine soltanto delle pietre
lavate dal fiume
e il ricordo costante della voce
tua nella notte
per formare la freccia più appuntita
poi tendere l'arco e scoccare
come lo voglio io
a rompipino e passabosco
e sapermi trasportata nell'anima
della freccia
sospesa e verso l'alto
lontano dal casale estraneo e silenzioso
senza nessun ricordo
della città ormai disabitata
senza nessuna pietra nelle tasche
come la freccia in alto
lontana e già perduta
in un lampo dell'aria per sempre
laddove si dirà
unicamente
il ciottolo lavato
e l'infranto rumore della voce
tua nella notte

Arco e flecha

Agora o nome não importa
a imagem só das pedras
lavadas pelo rio
e a recordação constante da voz
tua na noite
para formar a flecha mais pontiaguda
depois tender o arco e atirar
como eu quero
em rompipino e passabosco
e saber-me transportada na alma
da flecha
suspensa para o alto
longe da casa estranha e silenciosa
sem nenhuma recordação
da cidade agora já desabitada
sem nenhuma pedra nas algibeiras
como a flecha no alto
longe e já perdida
num relâmpago de ar para sempre
onde se dirá
unicamente
o seixo lavado
e o quebrado rumor da voz
tua na noite

Arequipa in sogno

Il fiume fluiva annaffiando i fiori
amorosamente rivitalizzati.
Le acque saltavano sasso dopo sasso
lasciando nell'aria messaggi e spume.
Il fiume fluiva, cantava nell'aria,
affidava i sogni ai canti sonori
di tordi e di merli, canarini e passeri
e nel passo lento di lama e di alpace,
che nel pomeriggio più che luminoso
di Arequipa in siesta giravano in torno
lasciava per sempre l'immagine incisa
di un mondo armonioso nel centro del cuore.

La piccola alpaca si accostò alla lama,
le attaccò le labbra cercando il suo latte.
Strinse la mammella non fatta per lei,
perché destinata ad altre creature,
mammella comunque molto generosa
sapendo donarsi, sapendo capire
l'intenso richiamo della vita ovunque,
a volte incarnata nei tuoi propri figli,
a volte incarnata in creature altre
che pur tuttavia diventano figli
ieri come oggi ma anche domani
per sempre legati da grazia divina
nell'anima eterna misericordiosa
del Mondo Creato.

Arequipa em sonho

O rio fluía regando as flores
amorosamente revitalizadas.
As águas saltavam de seixo em seixo
deixando no ar mensagens e espumas.
O rio fluía, cantava no ar,
entregava os sonhos aos cantos sonoros
de tordos e melros, canários e passarinhos
e no passo lento de lama e alpache,
que à tarde mais que luminosa
de Arequipa na sesta davam voltas
deixava pra sempre a imagem gravada
de um mundo harmonioso no centro do coração.

A pequena alpacaca encostou-se à lama,
fincou-lhe os lábios em busca do seu leite.
Apertou as mamas não feitas para ela,
porque destinadas a outras criaturas,
mamas de qualquer forma muito generosas
que sabiam entregar-se, que sabiam compreender
o intenso chamamento da vida em todo o lado,
às vezes encarnada nos teus próprios filhos
ontem como hoje mas também amanhã
para sempre ligados por graça divinal
na alma eterna misericordiosa
do Mundo Criado.



Martha Canfield nasceu em Montevideu em 1949, desde 1977 vive em Firenze, onde é professora catedrática de Língua e Literatura Hispano-americana. É autora de seis livros de versos em espanhol (o último: *Corazón abismo*, 2013) e quatro em italiano (o último: *Per abissi d'amore*, LietoColle, 2006). Publicou diversos ensaios críticos e editou obras de numerosos autores, entre os quais Alvaro Mutis, Mario Benedetti, Jorge Eduardo Eielson, Mario Vargas Llosa, Ernesto Cardenal. Dirige a coleção “Latinoamericana”, da editora Le Lettere, e é presidente do Centro de Estudos Jorge Eielson, dedicado à difusão da cultura latino-americana. Em 2015 foi-lhe conferido no México o prêmio Iberoamericano Ramón Lopez Velarde.

Martha Canfield, nata a Montevideo nel 1949, dal 1977 vive a Firenze, dove è professore ordinario di Lingua e Letteratura Ispanoamericana. È autrice di sei libri di versi in spagnolo (ultimo: *Corazón abismo*,

2013) e quattro in italiano (ultimo: *Per abissi d'amore*, LietoColle, 2006). Ha pubblicato molti saggi critici e ha curato in italiano singole opere di numerosi autori, tra cui Alvaro Mutis, Mario Benedetti, Jorge Eduardo Eielson, Mario Vargas Llosa, Ernesto Cardenal. Dirige la collana "Latinoamericana", della Casa Editrice Le Lettere, ed è presidente del Centro Studi Jorge Eielson, dedicato alla diffusione della cultura latinoamericana. Nel 2015 gli è stato conferito in Messico il premio Iberoamericano Ramón López Velarde.

NORBERTO ÁVILA

Os golfinhos

Seguem, aos bandos, pela estrada azul.
Velozes nadadores,
turbulentos saltimbancos,
mergulham, contornando o casco do navio,
e respiram depois a brisa matinal.

Festivos acrobatas,
de quando em quando erguem-se das ondas,
tentando conhecer
e guardar na memória os viajantes.
(Persistente sinal de afeto indesmentível.)

Amigos fidelíssimos do homem!
Estivéssemos nós em risco de naufrágio:
viriam certamente em nosso auxílio!

I delfini*

Avanzano, in gruppi, lungo la strada azzurra.
Veloci nuotatori,
turbolenti saltimbanchi,
si tuffano, girano attorno allo scafo della nave,
e respirano poi la brezza del mattino.

Festivi acrobati,
di tanto in tanto emergono dalle onde,
cercando di conoscere
e conservare nella memoria i viaggiatori.
(Immutabile segnale di affetto che non si smentisce.)

Amici fedelissimi dell'uomo!
Se fossimo noi in pericolo di naufragio:
verrebbero certamente in nostro aiuto!

* Tradução para o italiano de Amina di Munno.

Ourivesaria diamantina

Há, na loja do ourives, um fuzilar de brilhos,
rutilâncias, fulgências, esplendores.

O cliente, ridente, uma vez mais se curva
perante o mostrador.

Isto porque um colar de diamantes
lhe parece a coleira mais segura,
suscetível de amansar e sujeitar
uma amante
fugidia.

E eu, no exterior, olhando a cena,
imagino os argumentos do ourives:

O diamante é talismã convicto, universal,
que torna inoperantes os maléficos espíritos
e afasta os pesadelos e os terrores noturnos.

Além do mais,
por excelência o símbolo da constância.

Os diamantes,
– no dizer de quem os distribui por esse Mundo
(De Beers de seu nome), – são para sempre.

Tivesse eu a coragem de transpor aquela porta,
furibundo como um Cristo ao intervir no Templo!
Haveria de falar desse poder estrangeiro
que nas plagas africanas explora as pedras fascinantes,
por um tão módico preço de sangue:
intermináveis guerras
entre povos irmãos!

Oreficeria diamantina

C'è, nel negozio del gioielliere, un lampeggiare di luccichii,
bagliori, sfolgorii, splendori.

Il cliente, sorridente, una volta ancora si piega
sul bancone.

Questo perché una collana di diamanti
gli sembra il collare più sicuro,
capace di ammansire e assoggettare
un'amante
sfuggente.

E io, dall'esterno, mentre guardo la scena,
immagino le argomentazioni dell'orefice:
il diamante è un talismano sicuro, universale,
che rende inefficaci gli spiriti malefici
e allontana gli incubi e le paure notturne.

Inoltre,
per eccellenza il simbolo della costanza.
I diamanti,
– stando a chi li distribuisce in questo mondo
(nel nome dei De Beers), – sono per sempre.

Se io avessi il coraggio di oltrepassare quella porta,
furibondo come un Cristo intervenuto nel Tempio!
Parlerei di quel potere straniero
che nelle lande africane si accaparra le pietre seducenti,
per un così modico prezzo di sangue:
interminabili guerre
tra popoli fratelli!

Natureza –morta

A mesa de jantar parece agora enorme,
agora, mortos que foram alguns parentes queridos,
outros dispersos por esse vasto Mundo.
Que pena não ser mesa de encurtar,
que assim, aconchegada à solidão presente,
ficaria discreta, mesmo assim razoável,
bem ao centro da sala, ela própria também,
excessiva de espaço
e de silêncio.

Isto pensa a mulher. E aperta uma vez mais
o xale no regaço.

Lá fora é primavera, com pássaros e flores.
E o Sol, timidamente espreita pela janela,
através da cortina,
e põe manchas de luz na toalha de renda.

Numa taça de vidro, os primeiros morangos,
que a mulher, de manhã, foi colher ao quintal.
Pois agora ali estão, os primeiros morangos,
prometidos à filha, a visita aguardada.
Que há de vir esta tarde. Ou talvez esta noite.
Ou talvez amanhã. Prometeu que viria.
E virá certamente.

(Há que dizer, no entanto: a primavera chama,
perturba a juventude e convida ao amor,
numa praia qualquer.)

É bem triste que Deus tenha feito os morangos
tão sensíveis, tão frágeis!
Na sua beleza, vão ganhando bolor,
e logo apodrecendo,
numa taça de vidro ou cristal de Veneza.

Natura morta

La tavola da pranzo sembra ora enorme,
ora, che sono morti alcuni parenti cari,
altri dispersi in questo vasto Mondo.
Peccato che la tavola non si accorci,
che così, raccolta nella solitudine presente,
sarebbe discreta, tuttavia ragionevole,
nel bel mezzo della sala, essa stessa,
eccessiva di spazio
e di silenzio.

Questo pensa la donna. E si stringe ancora una volta
lo scialle in grembo.

Fuori è primavera, con passeri e fiori.
E il Sole, timidamente, spia dalla finestra,
attraverso la tenda,
e depone macchie di luce sulla tovaglia di pizzo.

In una coppa di vetro, le prime fragole,
che la donna, al mattino, è andata a cogliere nell'orto.
Ecco che ora sono lì, le prime fragole,
promesse alla figlia, la visita attesa.
Che verrà questo pomeriggio. O forse questa sera.
O chissà domani. Ha promesso che sarebbe venuta
E verrà certamente.

(Bisogna dire, intanto: la primavera chiama,
turba la gioventù e invita all'amore,
in una spiaggia qualunque.)

È molto triste che Dio abbia fatto le fragole
così sensibili, così fragili!
Nella loro bellezza, cominciano ad ammuffire,
e poi a marcire,
in una coppa di vetro o di cristallo di Venezia.

Margem crepuscular

A Tsuneo Matsumoto

Um discreto rumor. Gotejam as palavras
no limiar da noite pressentida.
Virás tu, Poesia, ansiada mensageira,
num voo de gaivota, no quebrar duma vaga?

Demora-se o crepúsculo um instantinho mais,
até que esta criança tenha dito
na linguagem de conchas alinhadas,
o que tem a dizer.
(Tal como eu o faço com as palavras.)

Com pouco se entretém esta criança.
E da mínima coisa faz o poeta o seu canto.

Sponda crepuscolare

A Tsuneo Matsumoto

Un leggero rumore. Gocciolano le parole
sulla soglia della notte presagita.
Verrai, Poesia, sospirata messaggera,
in un volo di gabbiano, all'infrangersi di un'onda?

Si attarda il crepuscolo un istante ancora,
finché questo bambino non avrà detto,
nel linguaggio delle conchiglie allineate
quel che ha da dire.
(Così come faccio io con le parole.)

Con poco si intrattiene questo bambino.
E dalla minima cosa trae il poeta il suo canto.

Improviso quase

Não pretendo encantar-te, seduzir-te
com o brilho fulgurante das palavras.
Mas sei que a tua alma se reclina
e escuta,
perturbada,
alguns poemas que disperso ao vento,
testemunhas apenas do meu percurso sobre a Terra.

Rejeitada a eloquência das palavras,
possa eu dizer-te alguma vez,
com um sorriso, um olhar,
uma carícia aveludada e breve,
possa eu dizer-te o muito que te amo
e como
e quanto
para sempre
e amo.

Improvviso quasi

Non pretendo di incantarti, sedurti
con il luccichio sfavillante delle parole.
Ma so che la tua anima si piega
e ascolta,
turbata,
alcune poesie che disperdo al vento,
testimoni soltanto del mio cammino sulla Terra.

Respinta l'eloquenza delle parole,
possa io dirti qualche volta,
con un sorriso, uno sguardo,
una carezza vellutata e breve,
possa io dirti che ti amo molto
e come
e quanto
per sempre
ti amo



Norberto Ávila é dramaturgo, romancista, contista e poeta português, nascido em 1936, em Angra do Heroísmo, Açores. Frequentou em Paris (1963–65) a Universidade do Teatro das Nações. Criou e dirigiu a revista *Teatro em Movimento* (Lisboa, 1973–75). Chefiou a Divisão de Teatro da Secretaria de Estado da Cultura; abandonou o cargo em 1978, a fim de dedicar-se mais intensamente ao trabalho de dramaturgo. Traduziu obras de Jan Kott, Shakespeare, Tennessee Williams, Arthur Miller, Jacques Audiberti, Junji Kinoshita, Valle-Inclán, Fassbinder, Blanco-Amor, José Zorrilla e Liliane Wouters. Dirigiu para a RTP (1º Canal), a partir de 1981, uma série de programas dedicados à atividade teatral portuguesa, com o título de *Fila 1*. As obras dramáticas de Norberto Ávila, reunidas na coletânea *Algum Teatro* (20 peças em 4 volumes, Imprensa Nacional–Casa da Moeda) têm sido representadas em diversos países: Alemanha, Áustria, Bélgica, Brasil, Coreia do Sul, Croácia, Eslovênia, Espanha, França, Holanda, Itália, Portugal, República Checa, Romênia, Sérvia e Suíça. Entre os livros, citam-se: *As Histórias de Hakim*, *O Marido Ausente*, *A Ilha do Rei Sono*, *O Rosto Levantado*, *Arlequim nas Ruínas de Lisboa*, *Florânia ou A Perfeita Felicidade*, *D. João no Jardim das Delícias*. A atividade literária de Norberto Ávila abrange também outros gêneros, como o romance *No Mais Profundo das Águas*, (sobre Antero de Quental e a Geração de 70); *A Paixão Segundo João Mateus* (Romance Quase de Cordel), em que se recria a oralidade popular da ilha Terceira; *Frente à Cortina de Enganos* (inédito). É ainda autor do livro de poemas *Percurso de Poeta* (Prêmio Natália Correia, 1999, edição de autor, 2000). E-mail: oficinadescrita@gmail.com. Site: www.norberto-avila.eu.

Norberto Ávila è autore di teatro, romanzo e prosa breve. Nato ad Angra do Heroísmo, nelle Azzorre, nel 1936, si è laureato a Parigi presso l'Università del Teatro delle Nazioni. Ha creato e diretto la rivista «Teatro em Movimento», ha diretto per quattro anni la Divisione di Teatro della Segreteria di Stato della Cultura, a partire dal 1978 si dedica più intensamente al lavoro di drammaturgo. Ha tradotto Jan Kott, Shakespeare, Tennessee Williams, Arthur Miller, Jacques Audubert, Junji Kinoshita, Valle-Inclán, Fassbinder, Blanco-Amor, José Zorrilla e Liliane Wouters. Ha diretto una serie di programmi televisivi dedicati al teatro in Portogallo, con il titolo *Fila 1*. La sua opera teatrale, raccolta nel volume *Algum Teatro* (30 *pièces* in 4 volumi), è stata rappresentata in Germania, Austria, Belgio, Brasile, Corea del Sud, Croazia, Slovenia, Spagna, Francia, Olanda, Italia, Portogallo, Repubblica Ceca, Romania, Serbia e Svizzera. Tra le pubblicazioni, citiamo: *As Histórias de Hakim*, *O Marido Ausente*, *A Ilha do Rei Sono*, *O Rosto Levantado*, *Arlequim nas Ruínas de Lisboa*, *Florânia ou A Perfeita Felicidade*, *D. João no Jardim das Delícias*. Tra i romanzi: *No Mais Profundo das Águas*, *Paixão Segundo João Mateus* (*Romance Quase de Cordel*), *Frente à Cortina de Enganos* (inedito). In poesia: *Percurso de Poeta* (Prémio Natália Correia, 1999, edizione dell'autore 2000).

NUNO JÚDICE

Preparativos de viagem

Ao fazer a mala, tenho de pensar em tudo o que lá vou meter para não me esquecer de nada. Vou ao dicionário e tiro as palavras que me servirão de passaporte: o equador, uma linha de horizonte, a altitude e a latitude, um lugar de passageiro insistente. Dizem-me que não preciso de mais nada; mas continuo a encher a mala. Um pôr-do-sol para que a noite não caia tão depressa, o toque dos teus cabelos para que a minha mão os não esqueça, e aquele pássaro num jardim que nasceu nas traseiras da casa, e canta sem saber porquê. E outras coisas que poderiam parecer inúteis, mas de que vou precisar: uma frase indecisa a meio da noite, a constelação dos teus olhos quando os abres, e algumas folhas de papel onde irei escrever o que a tua ausência me vem ditar. E se me disserem que tenho excesso de peso, deixarei tudo isto em terra, e ficarei só com a tua imagem, a estrela de um sorriso triste, e o eco melancólico de um adeus.

Preparativi per il viaggio*

Nel fare la valigia, devo pensare a tutto quello che ci metterò per non dimenticare nulla. Prendo il dizionario e ne traggio le parole che mi serviranno da passaporto: l'equatore, una linea d'orizzonte, l'altitudine e la latitudine, un posto da passeggero insistente. Mi dicono che non ho bisogno di nient'altro; ma continuo a riempire la valigia. Un tramonto perché la notte non cali troppo in fretta, la carezza sui tuoi capelli perché la mia mano non li dimentichi, e quel passero in un giardino che è nato sul retro della casa, e canta senza sapere il perché. E altre cose che potrebbero sembrare inutili, ma delle quali avrò bisogno: una frase incerta nel mezzo della notte, la costellazione dei tuoi occhi quando li apri, e alcuni fogli di carta dove scriverò quel che la tua assenza mi detterà. E se mi diranno che porto eccedenza di peso, lascerò tutto quanto a terra, e resterò solo con la tua immagine, la stella di un sorriso triste, e l'eco malinconica di un addio.

* Traduções para o italiano de Amina di Munno.

O Cristo esquecido

Ali, naquele fundo de igreja, na parede
mais branca e mais deserta, ao frio da noite,
iluminado apenas por um resto de luz
que vem da lâmpada acesa na rua, o crucificado
esconde-se. Já ninguém vai
àquele desvão, ninguém sabe talvez
que ele ainda ali está, e no entanto é aquele
o seu lugar. Sozinho, reza para que
ninguém o veja, para que ninguém lhe
peça nada: que resposta poderia dar
a quem o procurasse? Que promessas acenderia
no olhar dos desesperados? Onde iria encontrar
a luz para quem vive na escuridão? Mas
está ali; e quando penso nele pergunto
se não o devia tirar daquela parede ou, pelo menos,
se não deveria ir até esse desvão, olhá-lo nos olhos
brancos da morte, e consolá-lo, por pouco que
seja, com a minha presença.

Il Cristo dimenticato

Lì, in quel canto della chiesa, sulla parete
più bianca e più deserta, nel freddo della notte,
illuminato solo da uno spiraglio di luce
che viene dalla lampada accesa in strada, il Crocifisso
si nasconde. Non ci va più nessuno
in quell'angolo, nessuno forse sa
che lui è ancora lì, e tuttavia è quello
il suo posto. In solitudine, prega perché
nessuno lo veda, perché nessuno gli
chieda nulla: che risposta potrebbe dare
a chi lo cercasse? Che promesse accendere
nello sguardo dei disperati? Dove andare a trovare
la luce per chi vive nell'oscurità? Ma
è lì; e quando penso a lui mi domando
se non dovrei toglierlo da quella parete o, almeno,
se non dovrei andare fino a quell'angolo, guardarlo negli occhi
bianchi della morte, e consolarlo, per poco che
sia, con la mia presenza.

A impossibilidade teórica

Preparei-me para falar do amor de um ponto de vista teórico, e a condição necessária, segundo os filósofos, seria esquecer o teu corpo para que, no plano da mais pura abstração, a ideia me envolva como se pudesse tratá-la sem que a tua imagem se interponha entre mim e o meu raciocínio.

Imaginemos então um céu azul: poderei descrever a cor com as palavras frias do dicionário, e por de lado a sua beleza, o sulco de um avião que se desvanece no ar, aquele pássaro tão alto que parece imóvel?

De fato, ao ver como as frases se desenrolam no papel, para além do limite do verso, e se limitam a dar conta do amor como atração recíproca, ou aproximação de almas, ou encontro de sensibilidades diversas, o que tenho a fazer é apagá-las, e deixar que os teus lábios me falem.

Também posso fechá-los com os dedos, e ver os teus olhos até esse fundo em que já não sei qual a sua cor tal como, ao olhar o céu, o azul se perde em brilhos que nos conduzem ao infinito, e é isso que me pedes quando fechas os olhos, e o amor passa do espírito à matéria.

L'impossibilità teorica

Mi sono preparato per parlare dell'amore da un punto di vista teorico, e la condizione necessaria, secondo i filosofi, sarebbe quella di dimenticare il tuo corpo affinché, sul piano della più pura astrazione, l'idea mi coinvolga come se potessi trattarla senza che la tua immagine si interponga fra me e il mio raziocinio.

Immaginiamo dunque un cielo azzurro: potrei descriverne il colore con le parole fredde del dizionario, e mettere da parte la sua bellezza, la scia di un aereo che svanisce nell'aria, quel passero così alto da sembrare immobile?

Difatti, nel vedere come le frasi si snodano sulla carta, al di là del limite del verso, e si limitano a rendere conto dell'amore come attrazione reciproca, o approssimazione delle anime, o incontro di sensibilità diverse, quel che ho da fare è cancellarle, e lasciare che le tue labbra mi parlino.

Posso anche chiuderle con le dita, e vedere i tuoi occhi fino a quel fondo del quale non so più il colore così come, nel guardare il cielo, l'azzurro si perde nei luccichii che ci conducono all'infinito, ed è questo che mi chiedi quando chiudi gli occhi, e l'amore passa dallo spirito alla materia.

Nova determinação do objeto

Quando penso na forma de analisar um poema, partindo de todos os modelos que me são fornecidos para esse efeito, já sei que nunca chegarei ao centro da questão. Também não sei qual é o centro da questão, e são muitas as dúvidas que ficam durante o processo de leitura. Por exemplo, se eu estiver em frente de um mar encapelado, com a água fria, e um céu cinzento de Outono avançado, já sei que nunca chegarei ao cimo da onda, e muito menos que entrarei na primeira rebentação, cuja espuma me chega aos pés. O poema pode ser como esse mar, e as dificuldades que ele oferece a quem o quiser interpretar não são muito diferentes. Posso ver o ritmo das suas ondas, ouvir o murmúrio que fica por baixo das vogais e das consoantes, entender porque é que a superfície tem essa cor branca que esconde um arco-íris no seu interior, mas terei de ficar por aí se não quiser ser sugado pelo seu vórtice de imagens e, talvez, mergulhar para sempre no seu abismo. Perguntar-me-ão: e para que é que queres, então, analisar um poema? A resposta é simples: porque é que há tanta gente que, sabendo que se pode afogar caso não saiba evitar a força das ondas, ou resistir às correntes, se lança para dentro do mar? Por isso, depois de passar essa primeira rebentação de palavras e de versos, também eu procuro seguir o movimento das ondas e navegar contra a corrente das estrofes. E algures nesse breve oceano chegarei ao ponto em que a água é transparente, e terei por instantes a ilusão de ver a areia do fundo, e o sentido último do poema.

Nuova determinazione dell'oggetto

Quando penso al modo di analizzare una poesia, a partire da tutti i modelli che mi sono forniti a tale scopo, so già che non arriverò mai al nocciolo della questione. Non so nemmeno quale sia il nocciolo della questione, e sono molti i dubbi che permangono durante il processo della lettura. Per esempio, se mi trovassi di fronte a un mare increspato, con l'acqua fredda, e un cielo grigio di Autunno avanzato, so già che non arriverei mai in cima all'onda, e che ancor meno entrerei nel suo primo infrangersi, la cui spuma arriva ai miei piedi. La poesia può essere come quel mare, e le difficoltà che essa offre a chi la volesse interpretare non sono molto diverse. Posso vedere il ritmo delle sue onde, ascoltare il brusio che resta al di sotto di vocali e consonanti, capire perché la superficie ha questo colore bianco che nasconde un arcobaleno al suo interno, ma dovrò fermarmi lì se non vorrò essere risucchiato dal suo vortice di immagini e, chissà, tuffarmi per sempre nel suo abisso. Mi domanderanno: e perché, allora, vuoi analizzare una poesia? La risposta è semplice: perché c'è tanta gente che, pur sapendo che può affogare se non saprà schivare la forza delle onde, o resistere alle correnti, si getta in mare? Per questo, dopo aver oltrepassato quel primo infrangersi di parole e versi, anch'io cerco di seguire il movimento delle onde e navigare contro la corrente delle strofe. E da qualche parte di quel breve oceano arriverò al punto in cui l'acqua è trasparente, e avrò per qualche istante l'illusione di vedere la sabbia del fondo, e il senso ultimo della poesia.

Esboço de ode (romântica)

Quando um sapo está em cima de uma rã,
embora o sapo seja maior do que a rã, a rã até gosta,
como se pode saber pelo seu coaxar. Mas se ela
coaxa por amor, o grasnido do sapo tem um eco
maior no pântano, e o pescador de enguias
fica parado, com a enguia a revolver-se na mão,
pensando na apanhadora de juncos que se arrepia
e deixa cair as canas na água escura da margem,
com as pernas a enterrarem-se no lodo até que
o pescador, largando a enguia que cai no meio
das outras enguias que andam tão às voltas
como ela, agarra a apanhadora de juncos,
não para a salvar, mas para saber se ela coaxa
como a rã quando ele, como um sapo, se põe
em cima dela. E os poetas românticos,
a quem chamam os poetas do lago, escrevem
as suas grandes odes, a que os críticos chamaram
as odes do lago, ouvindo com deleite o coaxar
das rãs e da apanhadora de juncos, e o grasnido
dos sapos e do pescador de enguias, dedicando-as
às suas amadas a quem eles gostariam de fazer
o mesmo que os sapos fazem às rãs, e os pescadores
de enguias às apanhadoras de juncos, para que
elas coxem e eles grasnem, sob o luar
dos grandes lagos.

Abbozzo di ode (romantica)

Quando il rospo sta su una rana,
benché il rospo sia più grande della rana, alla rana persino piace,
come si può sapere dal suo gracidare. Ma se
gracida per amore, il gracchiare del rospo ha un'eco
maggiore nel pantano, e il pescatore di anguille
resta fermo, con l'anguilla a contorcersigli nella mano,
mentre pensa alla raccoglitrice di giunchi che ha un brivido
e lascia cadere le canne nell'acqua scura della riva,
con le gambe che affondano nel fango finché
il pescatore, abbandonando l'anguilla che cade in mezzo
alle altre anguille che girano così smarrite
quanto quella, afferra la raccoglitrice di giunchi,
non per salvarla, ma per sapere se gracida
come la rana quando lui, come un rospo, si mette
sopra di lei. E i poeti romantici,
che sono chiamati i poeti del lago, scrivono
le loro grandi odi, che i critici hanno chiamato
le odi del lago, ascoltando con diletto il gracidare
delle rane e della raccoglitrice di giunchi, e il gracchiare
dei rospi e del pescatore di anguille, e le dedicano
alle loro amate alle quali vorrebbero fare
la stessa cosa che i rospi fanno alle rane, e i pescatori
di anguille alle raccoglitrice di giunchi, perché
esse gracidino ed essi gracchino, sotto il chiar di luna
dei grandi laghi.



Nuno Júdice é ensaísta, poeta, ficcionista e professor universitário. Licenciado em Filologia Românica pela Universidade de Lisboa, doutorou-se na Universidade Nova, de onde se jubilou como Professor Associado. Foi Conselheiro Cultural da Embaixada de Portugal e Diretor do Instituto Camões em Paris. É Diretor da revista *Colóquio-Letras* da Fundação Gulbenkian. Tem obras traduzidas em várias línguas e está publicado em Itália pela Editora Kolibris com os livros *A te che chiamo amore* e *La materia della poesia*. A sua obra divide-se entre ficção, ensaio, teatro e sobretudo poesia. O último livro de poesia publicado foi *A convergência dos ventos* (2015).

Nuno Júdice è saggista, poeta, narratore e professore universitario. Laureatosi in Filologia Romanza presso l'Universidade de Lisboa, si addottorò all'Universidade Nova de Lisboa, dalla quale si è ritirato con la carica di Professore Associato. È stato Consigliere Culturale dell'Ambasciata del Portogallo e Direttore dell'Istituto Camões di Parigi. È direttore della rivista «Colóquio-Letras» della Fundação Gulbenkian di Lisbona. La sua opera è tradotta in varie lingue, ed è pubblicato in Italia dalla casa editrice Kolibris con i libri *A te che chiamo amore* e *La materia della poesia*. La sua opera abbraccia la narrativa, la saggistica, il teatro e soprattutto la poesia. Il suo ultimo libro di poesia pubblicato è *A convergência dos ventos* (2015).

VERA LÚCIA DE OLIVEIRA

Rua de comércio

sou poeta da cidade magra
da cidade que não
caminha
sou dessa planicidade
sou da violência das vidas
poeta da cidade que afunda casas
e pessoas
sou da puta da cidade que só tem
superfície

amanheço todo dia nua e estreita
como uma rua de comércio

(do livro *Geografie d'ombra*, 1989)

Strada commerciale*

sono poeta della città magra
della città che non
cammina
sono di questa piatezza di città
sono della violenza delle vite
poeta della città che affonda case
e persone
sono della puttana di città che solo ha
superficie

mi sveglio ogni giorno nuda e stretta
come una strada commerciale

* As traduções para o italiano são da própria autora.

A música

tenho a música dentro ela me habita
quando levanto ela já me espera
quando caminho ela caminha na minha frente
eu sempre estou dançando na minha carne
sempre estou ouvindo um som que a minha alma
sabe que existe apesar da dissonância
da minha vida

(do livro *No coração da boca*, 2006)

La musica

ho la musica dentro lei mi abita
quando mi alzo lei già mi aspetta
quando cammino lei mi cammina davanti
io sto sempre danzando nella mia carne
sto sempre sentendo un suono che la mia anima
sa che esiste malgrado la dissonanza
della mia vita

Estranha

disse-lhe de abrupto
que não queria ser enterrada
naquele lugar
que não era dali
que aquela terra não haveria
de reconhecer a terra
de onde viera

(do livro *No coração da boca*, 2006)

Estranea

gli disse all'improvviso
che non voleva essere seppellita
in quel posto
che non era di lì
che quella terra non avrebbe
riconosciuto la terra
da dove era venuta

Esse cão

esse cão que me segue
é minha família, minha vida
ele tem frio mas não late nem pede
ele sabe que o que eu tenho
divido com ele, o que eu não tenho
também divido com ele
ele é meu irmão
ele é que é o meu dono

(do livro *O músculo amargo do mundo*, 2014)

Questo cane

questo cane che mi segue
è la mia famiglia, la mia vita
ha freddo ma non abbaia né chiede
lui sa che quello che ho
lo divido con lui, pure quello che non ho
lo divido con lui
lui è mio fratello
è lui che è il mio padrone

Molhar a língua

molhar a língua em tinta de saliva
molhar em úmido de boca
em limo de comida
mastigada e engolida
molhar na força de palavra
com que é dita pelo dentro
pela crosta e pelo visgo
esse som e seu ruído

(do livro *O músculo amargo do mundo*, 2014)

Bagnare la lingua

bagnare la lingua in tinta di saliva
bagnarla in umido di bocca
in limo di cibo
masticato e inghiottito
bagnarla nella forza della parola
con cui dire dal di dentro
dalla crosta e dal suo vischio
questo timbro e il suo ruggito

Andorinhas

estou de bem com o mundo até
um tanque de guerra se cansa
da guerra até um pássaro pára
para
repousar

e depois o céu hoje é de um
azul que faz mal aos olhos
agudo que a gente fica ali
barriga pro ar
admirando as andorinhas
 que volteiam
matutando no que pensam lá no alto
no que
sabem
se sabem que estou de bem com o mundo
que volteiam lá em cima também para mim

(do livro *Tempo de doer / Tempo di soffrire*, 1998)

Rondini

sono in pace con il mondo anche
un carro armato si stanca
della guerra anche un uccello
si ferma
per riposare

e poi oggi il cielo è di un
azzurro che fa male agli occhi
acuto che si rimane lì
pancia all'aria
ad ammirare le rondini
che volteggiano
a immaginare ciò che pensano là in alto
ciò che
sanno
se sanno che sto in pace con il mondo
che volteggiano lassù anche per me



Vera Lúcia de Oliveira ensina literatura portuguesa e brasileira na Università degli Studi di Perugia. Poeta e ensaísta, recebeu diversos prêmios, entre os quais o Prêmio de Poesia da Academia Brasileira de Letras (2005), o Prêmio Internacional de Poesia Pasolini (Roma, 2006) e o Prêmio Internacional de Poesia Alinari (Florença, 2009). Em 2006, o seu livro *Entre as juntas dos ossos* recebeu o "Prêmio Literatura para Todos", sendo publicado pelo MEC em 110 mil cópias. A autora escreve em português e em italiano e tem poemas publicados em antologias no Brasil, Itália, França, Inglaterra, Alemanha, Romênia, Estados Unidos, Portugal e Espanha. Entre os livros publicados: *Geografia d'ombra* (poesia, 1989); *La guarigione* (poesia, 2000); *Poesia, mito e história no Modernismo brasileiro* (ensaio, 2015, 2.ed.); *A chuva nos ruídos* (poesia, 2004); *Verrà l'anno* (poesia, 2006); *Storie nella storia: le parabole di Guimarães Rosa* (ensaio, 2005); *A poesia é um estado de transe* (poesia, 2010); *La carne quando è sola* (poesia, 2011), *Vida de boneca* (poesia infantil, 2013); *O músculo amargo do mundo* (poesia, 2014). E-mail: veralucia.deoliveira.m@gmail.com; site: <http://www.veraluciadeoliveira.it>.

Vera Lúcia de Oliveira insegna letteratura portoghese e brasiliana presso l'Università degli Studi di Perugia. Poeta e saggista, ha ricevuto vari premi, tra i quali il Prêmio de Poesia da Academia Brasileira de Letras (2005), il Premio Internazionale di Poesia Pasolini (Roma, 2006) e il Premio Internazionale di Poesia Alinari (Firenze, 2009). Nel 2006, il suo libro *Entre as juntas dos ossos* ha ottenuto il Prêmio Literatura para

Todos, che ha permesso la sua pubblicazione presso il MEC in 1100.000 esemplari. L'autrice, che scrive in portoghese e in italiano, ha dei suoi componimenti pubblicati in antologia in Brasil, Italia, Francia, Inghilterra, Germania, Romania, Stati Uniti, Portogallo e Spagna. Tra le raccolte poetiche pubblicate: *Geografia d'ombra* (1989), *La guarigione* (2000 / 2015), *A chuva nos ruídos* (2004), *Verrà l'anno* (2006), *No coração da boca* (2006); *A poesia é um estado de transe* (2010), *La carne quando è sola* (2011), *Vida de boneca* (infantil, 2013), *O músculo amargo do mundo* (2014). Tra i saggi pubblicati: *Poesia, mito e história no Modernismo brasileiro* (2015, 2ª ed.), *Storie nella storia: le parabole di Guimarães Rosa* (2005).

Notas biográficas dos(as) tradutores(as)

Note biografiche dei traduttori

Amina Di Munno graduou-se, em 1974, em Línguas e Literaturas Estrangeiras na Universidade de Gênova. Ensinou Língua e Literatura Portuguesa nessa mesma Universidade. Foi membro da redação da *Revista Queirosiana* de Coimbra e co-editora da Revista *CENSIVE* (Revue internationale d'études lusophones, Université de Nantes) durante o ano de 2011. Foi agraciada com uma bolsa de estudos da Fundação Calouste Gulbenkian de Lisboa pelo estudo de um corpus inédito de poesias de Fernando Pessoa, do qual derivou o livro *Il violinista pazzo*, publicado em várias edições. Traduziu autores como Eça de Queirós, Machado de Assis, Fernando Pessoa. Nos últimos anos intensificou a atividade de tradução de autores da literatura contemporânea brasileira. Participou de numerosos congressos nacionais e internacionais principalmente sobre os temas de Literatura Comparada. Ministrou cursos em diversas universidades brasileiras. Em 2013 foi convidada como “professora visitante” da UFSC em Florianópolis.

Amina Di Munno si è laureata, nel 1974, in Lingue e Letterature Straniere all'Università di Genova. Ha insegnato Lingua e Letteratura Portoghese nella stessa Università. È stata membro di redazione della *Rivista Queirosiana* di Coimbra e co-editore della Rivista *CENSIVE* (Revue internationale d'études lusophones, Université de Nantes) per l'anno 2011. È stata vincitrice di una borsa di studio della Fondazione Calouste Gulbenkian di Lisbona per lo studio di un corpus inedito di poesie pessoane, da cui è derivato il volume *Il violinista pazzo*, pubblicato in più edizioni. Ha tradotto autori come Eça de Queirós, Machado de Assis, Fernando Pessoa. Negli ultimi anni ha intensificato l'attività di traduzione di autori della letteratura contemporanea brasiliana. Ha partecipato a numerosi congressi nazionali e internazionali principalmente su temi di Letteratura Comparata. Ha tenuto corsi in varie Università brasiliane. Nel 2013 è stata invitata come “professor visitante” presso la UFSC a Florianópolis.

~

Cláudia Valéria Lopes nasceu no Rio de Janeiro, Brasil. Em 2001 se formou em Letras (português – italiano) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. É tradutora e professora de português e italiano. Viveu na Itália por sete anos, período em que pode aprofundar os seus conhecimentos em relação à língua italiana e dar continuidade aos estudos. Trabalhou por dois anos como leitora de língua portuguesa (normas brasileira e europeia) junto à Università degli Studi di Bari. Desde 2009 vive em Zurique, onde trabalha como tradutora e docente de português e italiano. Neste momento, administra e

escreve para os blogs www.affrescoitaliano.com, dedicado ao ensino da língua e cultura italianas, e www.claulopes.wordpress.com, dedicado ao ensino da língua e cultura brasileiras e portuguesas.

Cláudia Valéria Lopes è nata a Rio de Janeiro, Brasile. Nel 2001 si laureò in Lingue (portoghese – italiano) presso l'Universidade Federal do Rio de Janeiro. È traduttrice e insegnante di portoghese e italiano. Ha vissuto in Italia per sette anni, periodo in cui ha potuto approfondire le sue conoscenze della lingua italiana e dare continuità ai suoi studi. Ha lavorato per due anni come lettrice di lingua portoghese (norma brasiliana ed europea) presso l'Università degli Studi di Bari. Dal 2009 vive a Zurigo, dove lavora come traduttrice e insegnante di lingua portoghese e italiana. In questo momento gestisce e scrive per i blog www.affrescoitaliano.com, dedicato all'insegnamento della lingua e della cultura italiana, e www.claulopes.wordpress.com, dedicato all'insegnamento della lingua e delle culture portoghese e brasiliana.

~

Emma De Luca nasceu em Bari, na Itália. Graduou-se em Línguas e Literaturas Estrangeiras com tese final em literatura brasileira na Universidade dos Estudos de Bari. Especializou-se na Universidade dos Estudos da Toscana, com tese final em língua portuguesa, sobre o crioulo cabo-verdiano da ilha de Santiago, trabalho concebido após um período de estudo e pesquisa na África durado três meses, que lhe permitiu ensinar o português às crianças da escola primária da Cidade Velha. Em 2012–2013 trabalhou como leitora de língua portuguesa na Universidade dos Estudos da Toscana, instituição na qual atualmente é doutoranda em História da Viagem na Idade Moderna.

Emma De Luca è nata a Bari, in Italia. Ha conseguito la laurea triennale in Lingue e Letterature Straniere con tesi in letteratura brasiliana presso l'Università degli Studi di Bari. Si è specializzata presso l'Università degli Studi della Toscana di Viterbo con tesi finale, in lingua portoghese, sul creolo capoverdiano dell'isola di Santiago, lavoro concepito dopo un periodo di studio e ricerca in Africa durato tre mesi che le ha permesso di insegnare portoghese ai bambini della scuola elementare di Cidade Velha. Nell'anno accademico 2012-2013 ricopre il ruolo di lettrice di lingua portoghese presso l'Università degli Studi della Toscana, istituzione presso la quale al momento è dottoranda in Storia del Viaggio e dell'Odeporica in Età Moderna.

~

Gaetano Longo nasceu em Trieste em 1964. É poeta, narrador, tradutor e jornalista. Publicou doze livros de poesia, quatro romances e traduziu livros do português, do espanhol, e do romeno. Foi correspondente de guerra na Bósnia e *freelancer* na América Latina. Vive hoje em Cuba.

Gaetano Longo è nato a Trieste nel 1964. È poeta, narratore, traduttore, giornalista. Ha pubblicato dodici libri di poesia, quattro romanzi e ha tradotto libri dal portoghese, spagnolo e rumeno. È stato corrispondente di guerra in Bosnia e *freelancer* in America Latina. Ora vive in Cuba.

~

Iris Faion nasceu em Maniago em 1983. Graduou-se em Interpretação e Tradução, obtendo o mestrado em Cooperação ao Desenvolvimento, e, desde então, tem trabalhado no campo da assistência humanitária e da mediação linguística e cultural: de fato, fala seis línguas. Colabora com a Associação “Poesia e Solidariedade”, de Trieste, e com o Concurso Internacional de Poesia “Castello di Duino”. *Chuva Antiga* (Franco Puzzo Editore), de José Eduardo Degrazia, que recebeu o Prêmio Internacional de Poesia de Trieste de 2013, é sua estreia como tradutora.

Iris Faion è nata a Maniago nel 1983. Laureata in Interpretazione e Traduzione, si è poi specializzata in Cooperazione allo Sviluppo, e, da allora, lavora come operatore umanitario e mediatore linguistico-culturale: parla, infatti, sei lingue. Collabora con l'Associazione Poesia e Solidariedade di Trieste per il Concorso Internazionale di Poesia “Castello di Duino”. *Pioggia Antica* (Franco Puzzo Editore), di José Eduardo Degrazia, che ha ricevuto il Premio Internazionale Trieste Poesia 2013, rappresenta il suo debutto come traduttrice.

~

Marco Bucaioni, nascido em 1981, em Chiusi (Itália), licencia-se em 2006 na Università degli Studi di Perugia, com uma tese sobre Linguística Histórica do Português. Obtém o grau doutoral no mesmo ateneu, em 2013, em Literaturas Comparadas, com uma tese sobre Literaturas da África Lusófona. Ensina desde 2014 na Universidade de Viterbo (Università della Tuscia, Itália). Ativo no campo da tradução literária, tem traduzido para o italiano algumas obras de autores contemporâneos de países de língua portuguesa, entre os quais os africanos José Eduardo Agualusa e João Melo, o timorense Luís Cardoso e os brasileiros Rubem Fonseca, André Sant'Anna e Ferreira Gullar.

Marco Bucaioni, nato nel 1981 a Chiusi, si laurea in Lingue e Letterature Straniere nel 2006 presso l'Università degli Studi di Perugia. Ottiene il grado di Dottore di Ricerca in Letterature Comparete presso il medesimo ateneo nel 2013, con una tesi sulle Letterature dell'Africa lusofona. Insegna dal 2014 presso l'Università degli Studi della Tuscia di Viterbo. Attivo nel campo della traduzione letteraria, ha al suo attivo la traduzione di alcune opere di autori contemporanei di lingua portoghese, tra i quali gli africani José

Eduardo Agualusa, João Melo, il timorense Luís Cardoso e i brasiliani Rubem Fonseca, Ferreira Gullar e André Sant'Anna.

~

Marie-Noëlle Ciccía é professora catedrática de Língua e Literatura Portuguesa na all'Universidade Paul-Valéry de Montpellier; diretora do Departamento de Línguas Estrangeiras Aplicadas (LEA) e membro do Centro de Pesquisa LLACS (Línguas, Literaturas, Artes e Culturas do Sul) de Montpellier. Especialista em teatro português do século XVIII, especialmente em seus aspectos ideológicos e intertextuais, trabalha e pesquisa também sobre autores da literatura lusófona e sobre tradução. Entre as suas principais publicações, estão os volumes *Le théâtre de Molière au Portugal au XVIIIe siècle*, Paris, Centro Cultural Calouste Gulbenkian, 2003; *Don Juan et le donjuanisme au Portugal du XVIIIe siècle à nos jours*, Montpellier, ETOILL, Université Paul-Valéry, Presses Universitaires de la Méditerranée, 2007.

Marie-Noëlle Ciccía è professore ordinario di Lingua e Letteratura Portoghese all'Università Paul-Valéry di Montpellier; direttrice del Dipartimento di Lingue Straniere Applicate (LEA) e membro del Centro di Ricerca LLACS (Lingue, Letterature, Arti e Culture dei Sud) di Montpellier. Specialista di teatro portoghese del XVIII secolo, soprattutto dei suoi aspetti ideologici e intertestuali, si occupa anche di autori della letteratura lusofona e di traduzione. Tra le sue principali pubblicazioni, segnaliamo i volumi: *Le théâtre de Molière au Portugal au XVIIIe siècle*, Paris, Centre Culturel Calouste Gulbenkian, 2003; *Don Juan et le donjuanisme au Portugal du XVIIIe siècle à nos jours*, Montpellier, ETOILL, Université Paul-Valéry, Presses Universitaires de la Méditerranée, 2007.

~

Margareth de Lourdes Oliveira Nunes, goianiense, graduada em Letras-Português pela Universidade Federal de Goiás, é mestre em Estudos Linguísticos pelo programa de Pós-Graduação da Faculdade de Letras da UFG, onde trabalha como professora de Língua e Cultura Italiana, no Departamento de Línguas Estrangeiras, desde 1994. Traduziu e publicou artigos científicos, contos, novelas esparsas e a biografia do Bispo italiano Candido Penso, escrita pelo frade dominicano Reginaldo Orlandini. Essa obra foi publicada em 1996, com o apoio do Ministério da Cultura e do Museu de Arte Sacra da Boa Morte, da cidade de Goiás (onde o bispo Candido Penso trabalhou de 1939 a 1959). Atualmente desenvolve pesquisa, em nível de doutorado, na área de Estudos Literários do Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Letras da UFG.

Margareth de Lourdes Oliveira Nunes, nata a Goiânia, laureata in Lettere all'Università Federale di Goiás, ha il master nell'area degli Studi Linguistici del Programma di Pós-

Laurea della Facoltà di Lettere dell'UFG, dove lavora, dal 1994, come docente di italiano al Dipartimento di Lingue Straniere. Ha tradotto e pubblicato testi scientifici e letterari tra cui la biografia del Vescovo italiano missionario in Brasile, Candido Penso, scritta dal domenicano Reginaldo Orlandini. La biografia è stata scritta dal frate domenicano Reginaldo Orlandini O.P. (Bologna). Quest'opera è stata pubblicata nel 1996, con la sovvenzione del Ministero della Cultura e del Museo d'Arte Sacra della Boa Morte, di Goiás (dove il vescovo domenicano Candido Penso lavorò dal 1939 al 1959, quando è deceduto). Attualmente svolge un lavoro di ricerca, a livello di dottorato, nell'area degli Studi Letterari del programma di Pós-Laurea della Facoltà di Lettere dell'UFG.

Alexandre Pilati • *Brasil*
Antonella Giacon • *Itália*
Barbara Pumhösel • *Austria/Itália*
Brenda Porster • *Estados Unidos/Itália*
Carlos Nejar • *Brasil*
Donizete Galvão • *Brasil*
Flaviano Pisanelli • *Itália/França*
Gladys Basagoitia Dazza • *Peru/Itália*
Helena Godoy • *Brasil*
Italo Moriconi • *Brasil*
José Eduardo Degrazia • *Brasil*
Luiz Ruffato • *Brasil*
Martha Canfield • *Uruguay/Itália*
Norberto Ávila • *Portugal*
Nuno Júdice • *Portugal*
Vera Lúcia de Oliveira • *Brasil/Itália*

Editores

Cilbra
PósLit

Foto Capa

Vera Lucia De Oliveira

ISBN: 978-85-62292-04-0